

revista gueto



# número doze

edição trimestral | 2019

OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO

A black and white close-up photograph of a woman's face and hand. She has dark, curly hair and is looking slightly to the right. Her hand is resting near her chin, with a ring visible on her finger. The lighting is dramatic, highlighting her features against a dark background.

ricardo lísius	natalia timerman	t. k. pereira	laura elizia haubert
ivan hegen	luciana pinsky	sergio leo	myriam campello
fábio mariano	alessandra barcelar	virna teixeira	flávia helena
anna monteiro	sérgio rodrigues	dírcé waltrick do amarante	
fred di giacomo	mário sérgio baggio	antônio lacarne	márcia barbieri
yuri pires	rodrigo novaes de almeida	nayara c. p. valle	
fernando maroja silveira	mônica menezes	tito leite	taciana oliveira
aline martins	fabio pessanha	penélope martins	ricardo escudeiro
andri corvão	manuella bezerra de melo	matheus guménin barreto	
cristina agustoni	natasha tintet	carlos barbosa	neide almeida
ruy espinheira filho	alberto lins caldas	leonardo valente	

gueto editorial



# revista gueto número doze edição trimestral | 2019

OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO

curadoria editorial

Tito Leite e Marcos Vinícius Almeida

editores da revista e do selo gueto editorial

Rodrigo Novaes de Almeida e Christiane Angelotti



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© revista gueto, 2019

<https://revistagueto.com/>

**edição trimestral | número 12**

138 páginas | Selo Gueto Editorial © 2019

**Fundador e Editor-chefe**

Rodrigo Novaes de Almeida

**Editora**

Christiane Angelotti

**Curadoria Editorial**

Tito Leite

Marcos Vinícius Almeida

**Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

**Licença**

[Creative Commons](#)

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

Detalhe de Die Eitelkeit der Welt [A vaidade do mundo] | Ticiano Vecellio (1488-1576)

# Sumário

## romance

Ricardo Lísias | 06

## conto

Natalia Timerman | 11

T. K. Pereira | 14

Laura Elizia Haubert | 19

Ivan Hegen | 22

Luciana Pinsky | 26

Sergio Leo | 29

Myriam Campello | 35

Fábio Mariano | 38

Alessandra Barcelar | 41

Virna Teixeira | 43

Flávia Helena | 46

Anna Monteiro | 48

Sérgio Rodrigues | 53

Dirce Waltrick do Amarante | 55

Fred Di Giacomo | 56

Mário Sérgio Baggio | 64

Antônio LaCarne | 67

Márcia Barbieri | 68

## poesia

Yuri Pires | 74

Rodrigo Novaes de Almeida | 75

Nayara C. P. Valle | 77

Fernando Maroja Silveira | 83

Mônica Menezes | 85

Tito Leite | 87

Taciana Oliveira | 90

Aline Martins | 92

Fábio Pessanha | 95

Penélope Martins | 99

Ricardo Escudeiro | 102

Andri Carvão | 105

Manuella Bezerra de Melo | 108

Matheus Guménin Barreto | 111

Prisca Agustoni | 114

Natasha Tinet | 117

Carlos Barbosa | 120

Neide Almeida | 124

Ruy Espinheira Filho | 126

Alberto Lins Caldas | 132

## resenha

Leonardo Valente sobre o novo  
romance de Chico Buarque | 135

romance

0

**Ricardo Lísias** | Nasceu em 1975, em São Paulo. Publicou em 1999 o romance *Cobertor de estrelas* (Editora Rocco), traduzido para o espanhol e o galego. Em 2001 publicou *Capuz* (Editora Hedra), e, em 2004, *Dos Nervos* (Editora Hedra). *Duas praças* (Editora Globo, 2005) foi o terceiro colocado no Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira de 2006. É autor também do livro de contos *Anna O. e outras novelas* (Editora Globo, 2007), finalista do Prêmio Jabuti de 2008, e *O livro dos mandarins* (Editora Alfabeta, 2009), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2010. É autor ainda dos livros infantis: *Sai da Frente, Vaca Brava* (Editora Hedra, 2001), *Greve Contra a Guerra* (Editora Hedra, 2005) e *A Sacola Perdida* (DSOP, 2014).

## *parte inicial do romance inédito Brasília*

### 1.

O paciente morreu algumas semanas depois. Mesmo assim, o primeiro transplante de coração realizado no Brasil foi considerado um enorme sucesso. O professor Euryclides de Jesus Zerbini, chefe da equipe que esteve à frente do procedimento, preocupava-se sobretudo com uma possível rejeição do órgão, problema debatido em inúmeros cursos e congressos pelo mundo e que ainda não havia obtido nenhuma solução satisfatória pela comunidade médica. Não foi o que aconteceu. João Boiadeiro, o receptor, recuperou-se bem. O cuidado da equipe médica o protegeu do assédio e seu quarto no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo permaneceu um lugar calmo, em que as pessoas sorriam e falavam com ele em voz baixa e pausada.

— Que bom que agora está tudo bem, João — uma enfermeira repetia de vez em quando, com um sorriso sincero no rosto. — O transplante deu certo, parabéns.

Segundo os jornais, João Boiadeiro na verdade não sabia o que é um transplante. Ninguém se preocupou em lhe explicar e ele, com alguma esperança e muita resignação, não quis perguntar. Deu certo.

Talvez as coisas não tenham sido bem assim. A equipe do doutor Zerbini, sempre ciosa e com a voz baixa, conversou muitas vezes entre si perto dele, tanto antes quanto depois da operação. Alguns alunos (apenas os melhores) também ouviram inúmeras explicações naqueles dias. Meu tio, por exemplo, olhou diversas vezes para o paciente, que parecia acompanhar tudo muito atento. Ele entendia muita coisa, sim.

Cientes do histórico de depressão do primeiro brasileiro que recebeu um transplante de coração, médicos e enfermeiros sempre o animavam e, com a voz cheia de orgulho, cumprimentavam-no pelo sucesso da equipe. Quando o quarto ficava vazio, antes de dormir muitas vezes João imaginava a cena que os doutores descreviam uns para os outros: o coração saiu do doador e foi direto para ele, ainda batendo na bandeja. Não houve espera e muito menos qualquer tipo de parada cardíaca. Deu muito certo.

\* \* \*

O prontuário médico de João Ferreira da Cunha, o nosso João Boiadeiro, tem apenas informações clínicas. Enquanto a imprensa francesa noticiava o apaziguamento das revoltas naquele final de maio, com uma gigantesca manifestação em apoio a de Gaulle, a nossa aqui deu bastante destaque ao transplante. Não houve, porém, nenhum tipo de esforço para conhecer a vida pregressa do rapaz melancólico e calado que viveu 28 dias com o coração de outra pessoa pela primeira vez no Brasil.

Até ali, diversas cirurgias haviam sido realizadas em cães. Nenhum passou mais de duas horas respirando com o coração de outro animal. O que fez a equipe do doutor Zerbini ter fé nesse tipo de transplante em humanos vivos no Brasil foi o sucesso com que o doutor Christiaan Barnard realizou o mesmo procedimento, no final de 1967, na África do Sul.

Zerbini se impressionou com o resultado. Muito infelizmente, Louis Washkansky, o primeiro homem a viver com o coração de outro, morreu 18 dias depois da operação, vítima de uma infecção. Esse incidente, por favor, não deve desanimar os outros médicos daqui em diante, repetiam todos. O caminho é a natural evolução do procedimento e dos remédios que, posteriormente, garantirão a vida dos pacientes. Foi o que aconteceu.

Se o colega do outro lado do oceano tinha conseguido, o que nos impediria também de ter o mesmo sucesso? Afinal de contas, a África do Sul nunca foi exatamente uma vanguarda na medicina, lembro-me do meu tio repetir isso com o rosto meio ambíguo. Normalmente as pessoas não viam a menor graça nesse tipo de tirada. Ele, por outro lado, às vezes quase engasgava de tanto rir. Quando ele morreu, fiquei triste de verdade, apesar de tudo.

João Boiadeiro deu entrada no Hospital das Clínicas depois de tentar se suicidar no Albergue Alegria, onde estava morando desde que chegara a São Paulo, dois ou três meses antes. O prontuário não diz como ele tentou tirar a própria vida, mas aponta um quadro depressivo causado por uma fraqueza. Ele a descrevia como cada vez mais crescente. Nos últimos meses, ondas de cansaço súbito o impediam de trabalhar na fazenda onde vivia no Mato Grosso com a irmã. Essa última informação não está no prontuário, mas sim nos jornais que meu tio guardou.

O Albergue Alegria teve o mesmo destino que seus hóspedes. É bastante difícil encontrar informações precisas sobre ele. Segundo os poucos registros que constam no Arquivo Público do Estado de São Paulo, funcionava em um galpão adaptado para receber pessoas que chegavam a São Paulo de trem na Estação da Luz e não tinham exatamente para onde ir. Algumas davam sorte e encontravam um parente com um cantinho na sala, outros percebiam que não conseguiriam nada melhor do que já tinham antes e voltavam para a sua cidade depois de uma semana no Albergue Alegria. Vários passavam meses ali, atrás de emprego, conversando e jogando cartas ou dominó. Certos moradores só saíam da cama quando os poucos funcionários os incitavam. No geral, iam dormir por ali mesmo, na calçada, já que a região era sua única referência. A depressão, portanto, era corriqueira. Dois homens procurados pela polícia



política passaram três meses em segurança, depois de terem a feliz ideia de se misturar àquelas pessoas. Dali, foram transportados para a fronteira com a Bolívia e depois de subornar dois guardinhas sonolentos, fugiram do Brasil.\*

Algumas coisas nunca mudam por aqui.

*\* Caso haja algum interesse sobre os dois e, mais ainda, quanto a esse tipo de ação durante a ditadura, quem os transportou foi a escritora Maria Valéria Rezende, que naquele momento tinha um documento diplomático emitido pelo Vaticano.*

conto

0

**Natalia Timerman** | Médica psiquiatra pela Unifesp, mestre em psicologia pela USP e escritora. cursou a pós-graduação em formação de escritores do Instituto Vera Cruz. Publicou *Desterros – histórias de um hospital-prisão* (Editora Elefante, 2017), acerca das vivências no hospital penitenciário onde trabalha desde 2012, em São Paulo.

## *sábado*

nome: MAYKON ROMUALDO SEVERIANO DA SILVA

mãe: CRISTIANE SEVERIANO DA SILVA

pai: IGNORADO

nascimento: 10/02/1988

matrícula: 1.220.872

Lógico que era ele, quem duvida?, a gente já reconhece de longe, pelo passo, pelo andar, bandido que é bandido solta cheiro, aí chegou perto, pronto, aquelas tatuagens, pronto, confirmou, são anos de prática, dona, tava na cara, tem gente que tem cara de bandido mesmo e pronto, revistei e num deu outra, tava ali, um toletão desse tamanho, 50 gramas na pesagem, disseram, agora é muita cara de pau o sujeito achar que a gente é trouxa, que a Justiça é trouxa, a gente é a porta de entrada da Justiça, falou tá dito, é assim mesmo que tem que ser, ou você acha que a juíza vai acreditar mais no malandro que em nós?, aqui é anos de estudo, um salário a zelar, nada de outro mundo, né?, mas tem o garantido no fim do mês, quase tudo tem família, tudo na honestidade, criminoso são eles, já vem com cara de canalha, e mentem, mentem bem, viu?, se a senhora visse, num faz escola mas vai tudo pra escola da vida, é lá que aprendem o crime, a malandragem, tem que pagar por isso, é dever nosso, limpar a sociedade, cadeia é pra isso, oi?, e se não foi ele?, tá duvidando da minha palavra, dona?, olha lá, hein, eu num faltei o respeito com a senhora não, tô te dizendo, tava ali no bolso, se ele ia ser burro a esse ponto?, ué, mas foi, vou fazer o quê, tô só cumprindo o meu papel, não teve violência nem nada, tudo na medida, na medida certa, se a gente chega bonzinho também os cabra num respeita, tem que impor a autoridade, mas sem exagero, tudo dentro dos treinamentos, gritar faz parte, botar o cara de joelho

é somente a técnica, vou fazer o que se o cara tava resistindo?, eu fui bonzinho, ele podia ter pego desacato, mas não quis sujar pra ele não, da próxima a dona vai ver aonde é que as coisas podem chegar.

Eu nunca passei por isso, por essa humilhação, era sábado, eu deito a cabeça de noite e passa o filme todo na minha cabeça, não durmo, não acredito, eu converso com os caras aí e eles dizem que tráfico é no mínimo cinco anos, eu volto pra cá e choro, eu não fiz nada, não era meu, quem acredita? Era sábado, eu tava com dinheiro da funilaria, te disse que tô aprendendo funilaria e pintura, né? Faz três meses, tô no EJA também, tava, eu tava, era sábado, eu tava com cinquenta reais, minha mãe disse pro policial que era meu o dinheiro, e ele, não, isso aí é de venda que eu sei, eu nunca passei por isso, eu tenho como provar, mas na audiência de custódia a juíza nem quis me escutar direito, tava comigo, pronto, é meu, foi assim. Era sábado, deixei minha namorada no ponto, às vezes eu durmo na casa dela mas nesse dia eu tava em casa, fui só deixar ela no ponto, abracei ela, beijei, despedi. Fui andando, 50 reais no bolso, não, 40, eu dei 10 reais pra ela, passei na padaria e comprei um saco de pão doce e um danone, fui comendo no caminho, aí eu fui comprar maconha, eu num sou santo, né? Sou usuário, usuário de maconha, mas o que eu faço eu assumo, eu nunca trafiquei, tem um ponto perto de casa, um ponto de droga, tava lá, já me avisaram da movimentação, uma vizinha disse que tinha polícia na área, aquele clima estranho, a gente num sabe como, por quê, mas tem alguma coisa estranha, quem sai pra fora fica pouco. Era sábado, o traficante chegou, eu queria cinco reais, ele disse pra eu segurar o bagulho que ia ver se tava tudo limpo, colocou no meu saco de pão doce, eu não vi, essa hora não, não era muito, só vi depois quando o policial pegou e jogou em cima do carro, eu fui ouvindo os passos e achei que era o cara voltando, mas era o polícia, dei bom dia, eu nunca fiz coisa errada, quer dizer, sou usuário, eu não achei que ele ia vir pra cima de mim, ele achou logo o bagulho, eu disse que não era meu, era do menino ali. Era sábado, a vizinha já foi chamando minha mãe, a cara dela, eu nunca fiz isso, as lágrimas escorrendo na cara dela, acho que ela achou que eu tinha feito sim, aí o polícia chutou minha perna por trás e eu caí de joelho, muita humilhação, chutou minha costela, veio outro e bateu mais, eu quieto, eu quieto, olhei pro lado quando

alguém passou, era sábado, e me bateram mais, pra eu olhar pra baixo, as mãos pra trás, aí ele disse pra gente passar na minha casa pra pegar meu RG, de viatura, de viatura, eu nunca passei por isso, minha mãe vendo eu lá dentro, ela veio vindo atrás, chegamos antes, minha irmãzinha tava em casa, de 10 anos, eu disse, Rai, pega meu RG na bolsa da mãe. Ela chama Raiane, eu chamo ela assim, Eu num sei onde tá, a Rai disse, já tava assustada, eu naquela situação, que vergonha, mas como é que eu vou ter vergonha de alguma coisa que eu não fiz, mas tenho, como se eu tivesse feito, o polícia aí gritou, gritou com a voz alta, Como é que você não sabe onde tá a bolsa da sua mãe? Aí eu perdi a cabeça, xinguei mesmo, Cê tá louco?, num tá vendo que ela é só uma criança?, e se ela fosse tua filha?, e o polícia transtornou, disse que eu tava fudido, que ia dar desacato também, nisso minha mãe chegou, tava chorando, esfolegante, decepcionada, a decepção estampada na cara dela, eu nunca fiz nada disso, eu nunca passei por isso, mas aí na cara dela eu vi que podia ter sido eu, duvidei de mim, mas nem deu tempo, quando vi o RG já tava com o polícia e nós tava dentro da viatura. Era sábado. Ele e o outro na frente. Eu atrás.

| conto do livro *Rachaduras* (Editora Quelônio, 2019). |

**T. K. Pereira** | Autor de *Vozes* (Caos e Letras, 2019). Organizador do projeto 7 coisas que aprendi, acervo com mais de 100 depoimentos de escritores. Publicou contos em várias antologias. Siga o autor em seu site oficial: <https://tkpereira.com.br>

## *interesses*

É o inferno de sempre. O senhor me desculpe a demora, mas nem o GPS está dando conta desse trânsito hoje. Tomara que não esteja com pressa. Tem água gelada e balinhas de menta, coisa boa, não essas porcarias de ambulante em sinaleira. Fique à vontade. O ar-condicionado deu defeito ontem, eu ainda não tive tempo de arrumar. Desculpe por isso também. Ainda bem que hoje está fresco, céu azul, dia bonito. A gente tem que ser grato, viu? Ô clima bom o nosso. Às vezes esquenta, mas fazer o quê? É um país tropical — nada a ver com essa conversa fiada de aquecimento global. Mas já vi climas piores, viu? No norte da África, por exemplo, o sujeito até sufoca de tão quente e seco que é. Trabalhei lá por um tempo, conheci aquilo tudo, até o Saara. Faz tempo, foi em setenta, eu era almoxarife em mineradora, veja você.

Conheci o povo, aqueles muçulmanos filhos da puta. São como os evangélicos daqui. Pensa naquele tipo bem pelinha, de culto em sede velha de boteco, fanático mesmo. O muçulmano é dez vezes pior. Povo maluco. Eles têm isso lá de ter várias mulheres, a gente até imagina, mas ver é outra coisa. Tinha esse colega que tinha três esposas. Não sei como, eu mal dei conta de uma, mandei logo pastar. Eles escolhem elas, daí cortam fora o clitóris, que mulher lá é pra procriar, não pode sentir nada. Mulher lá não goza! O senhor me desculpe aí o popular, mas é isso mesmo: elas não gozam, é proibido. Dizem que o homem também corta a cabecinha, que é pra facilitar, afinar. Muçulmano é tudo assim, barbado da pistola longa e fina.

Eu já vi cada coisa nesse mundo... O problema é a religião, essa coisa de igreja, fé, isso ferra com a cabeça de gente pobre, e o povo de lá é miserável, acaba ficando na mão dos osamas e saddams. O Brasil fica longe disso não, aqui só falta explosão porque morte tem até demais; a fé é negócio, é política, tudo misturado. A corja daqui não manda derrubar prédio com avião porque o que interessa é

dinheiro. E o pobre segue na miséria, sofrendo com fé. É dureza essa vida de sempre correr atrás e ficar preso em trânsito, fila, burocracia.

Acabaram de avisar no celular: tem manifestação fechando a avenida lá na frente. Tinha me esquecido. Bem na véspera de feriadão. Típico. Datas esse povo sabe escolher, né? Centro é complicado demais, qualquer coisinha entulha tudo, chuva, obra, manifestante. Eu nem acho errado, sabe? Tem mais é que manifestar mesmo, reclamar, esse país está uma zona. Mas tem que saber fazer, não pode atrapalhar a vida de gente decente, trabalhadora. Também não pode sair por aí quebrando tudo porque quem paga é a gente mesmo. Tem que raciocinar, aprender a lutar. Todo mundo sabe que a corrupção é um problema, mas parece que ninguém aprende: políticos roubam, roubam, roubam, e ainda conseguem ser eleitos. As pessoas vendem o voto por uma cesta básica, aí fica difícil. Mas é problema de quê? Falta de educação, é claro, tem que educar o povo. Não é só melhorar escola. Eu mesmo, que só tenho segundo grau, graças a Deus, sou educado, conheço os problemas.

No Brasil a política é para enriquecer. Só ver os safados de sempre: é coronel do Maranhão, bilionário que não larga osso, presidente papa-poupança que cai e volta, deputado, governador e senador com nome sujo, e ainda no cargo. É denúncia, propina, golpe, contragolpe. Tem que acompanhar, ficar por dentro pra poder fazer sua parte. E tem que reconhecer quando a merda explode; vê o caso do impeachment da presidente — e digo presidente mesmo, que presidenta é o escambau; além de roubar ainda querem matar o português? Votei nela, não tenho vergonha de dizer. Até achei que ela não tinha feito nada errado, que todo mundo é inocente até provar, não é assim? Pois é, agora nem sei. Se todo mundo parece ter o rabo preso, se até o Lula traiu o Brasil, ela deve ter culpa também. Fico puto porque pra mim é tão simples: se recebo uma denúncia, o que faço? Mando investigar, porra. Tomo atitude, chego lá para os companheiros e aperto, digo que vou investigar todo mundo suspeito e quem estiver envolvido vai cair feio, que no meu partido não fica corrupto nem safado. Chamava a imprensa no mesmo dia, falava das denúncias recebidas, “nosso governo vai investigar e punir os responsáveis”. Mas político é tudo burro, prefere ficar quieto, fingir de morto. Hoje em dia nada mais fica escondido. Esse povo não

aprende, por isso que o país está nessa merda, nesse vai-não-vai do caralho.

Você me desculpe o mau jeito, mas é de dar ódio. Você tenta se manter antenado, tenta votar com consciência, daí esses canalhas te traem. É tudo treta de partido, não tem um que presta, essa é que é a verdade. Tem que resolver a corrupção, povo tem que se unir, fazer petição, que hoje é bem fácil, pega lá um monte de assinatura rapidinho na Internet, faz logo uma lei nova. Fosse por mim era até mais simples, três coisas para resolver. Primeiro: político envolvido em corrupção tem que ser julgado como cidadão comum, sem essa de imunidade parlamentar, de foro privilegiado, nada disso. Segundo: condenado ou não, o político não pode se candidatar a mais nada, perde o direito de participar da política. Terceiro: todo o dinheiro roubado deve ser devolvido em até quarenta e oito horas. Isso aí, simples. Não tem por que complicar.

Entendo dos problemas, e nem é porque vejo TV ou leio muito — faço isso também porque a gente tem de estar ligado —, mas sinto nas ruas, sabe? A gente entende o país é pelas pessoas. A maioria delas não está nem aí, é tudo interesse próprio. Empresários, por exemplo: tratam o empregado como escravo. Eu sei por que já vivi muito isso, mas me libertei. Hoje, acima de mim só Deus e avião.

Outro dia eu estava carregando um empresário bem escroto: ele disse que, com crise ou sem crise, é preciso jogar duro, que na empresa dele funcionário tem que dar lucro, senão é rua; se não fosse por lei, ele não pagaria direito nenhum. Porque o empregado é importante, mas é o empresário que carrega o país nas costas, ele disse. Acredita? Até tentei argumentar, mas sabe como é esse tipo de gente. Ouvinte bom e atencioso assim como o senhor está em falta.

Se me permite, em quem o senhor votou no ano passado? Tudo bem se não quiser dizer. Na verdade, tenho evitado falar disso, a pergunta é difícil, as pessoas estão muito sensíveis. Mas o senhor me parece bem racional. Tremendo pega pra capar, nunca vi eleição como essa, até facada em candidato teve. Se bem que eu truco essa história aí. Já viu facada sem sangue? O homem lá é malandro, e tem que ser mesmo: os comunistas são desonestos. Tem que fazer o jogo deles. Votei neles a vida toda, hoje sei a verdade e me arrependo — nem vermelho eu uso mais, queimei tudo. Quando chegaram lá eles



me traíram, traíram o Brasil. Tanta coisa errada pra consertar e ficavam de nhe-nhe-nhe de ideologia, plano-gay, do tal marxismo de cultura. E a coisa ia piorar: vi esse filósofo na internet alertando contra a invasão muçulmana. Você acha que essa história de migração na Europa é a troca de nada? É pra destruir o capitalismo. Eles são farinha do mesmo saco. Graças a Deus que o homem lá não morreu, já pensou? Mais quatro anos nas mãos dos calhordas? Não senhor, chega, esses daí não me enganam mais. Nem adiantou tentarem fraudar as urnas, a voz do povo falou mais alto. O Brasil precisa é de ordem, pulso, gente nova que não está aí pela mamata, que quer colocar o país no rumo. Eu me informo, sei o que dizem por aí do presidente, mas é como eu disse, tem que ouvir as ruas e não dar trela para fake new — é assim que fala, né? O povo está cansado de roubalheira, da violência, impunidade. Quero ver ligar pra gay, índio, feminista e o escambau com uma arma enfiada na cara, desempregado, passando fome, sem-teto. Eu sei bem como é, mas a violência é o pior. E já que o governo não dá jeito, que pelo menos me deixe garantir minha segurança. Pode apostar que vou me sentir bem mais seguro dirigindo por aí com uma arma a tiracolo.

Agora, se o homem trair a gente também, sem problema, é só manifestar, que nem da outra vez, pôr pressão. Mas duvido que precise. Ele não é burro; não vai chegar em Brasília e ficar mandando matar gay, índio, acho mesmo é que ele não tá nem aí para eles, só quer tirar o país da lama. E quem é que não tem preconceito, não é verdade? Não importa o que ele pensa ou deixa de pensar, desde que não prejudique ninguém. Tenho lá as minhas birras, mas cuido da minha vida. Que cada um cuide da sua. E olhe que não concordo em tudo com o homem: acho que empresário tem regalia demais, tem que ajudar é o trabalhador, mas se, para sair da crise, a gente tiver que fazer sacrifícios... Eu sou contra extremismos, mas, às vezes, pra melhorar tem que piorar antes.

Vai descer por aqui mesmo? Ainda estamos longe... Mas do jeito que o trânsito está, é capaz de o senhor chegar mais rápido a pé. É até melhor pra saúde. Se pudesse largava o carro por aqui, mas sabe como é, a gente tem que ganhar a vida. Desculpe qualquer coisa. Vou encerrar aqui a viagem do senhor. Tome aí: cinco estrelas. Se puder retribuir... Tenha um bom dia e vá com Deus, que é brasileiro, mas não dá jeitinho.

| conto do livro *Vozes* (Editora Caos & Letras, 2019). |

**Laura Elizia Haubert** | Graduada e mestre em Filosofia pela PUC-SP. Participou de antologias de contos como *As coisas que as mulheres escrevem*, pela Desdêmona Editora, e também de revistas literárias como a Revista Ponto, do SESI-SP, e a Revista Subversa. Publicou em 2015 pela Editora Multifoco o livro *Ode à Nossas Vidas Infames* e em 2017 pela Editora Patuá o livro *Sempre o mesmo céu, sempre o mesmo azul*. Publicará, ainda em 2019, pela Quintal Edições, o livro *Memórias de uma vida pequena*. Atualmente vive em Córdoba, na Argentina.

## larápio

As coisas estavam sumindo lá de casa, mas ninguém falava sobre isso. Também não falávamos sobre quem roubava. Fingíamos que não víamos os vasos chineses, as fitas do *Purple Rain* e a televisão irem embora, de uma única vez, na sacola preta que meu irmão carregava sem discriminação.

Era um domingo. Meus pais estavam na cozinha, e por isso ele teve que roubar da sala. Eu estava no quarto protegendo minhas posses segurando um cabo de vassoura, resoluto. Essa coragem vinha não sei de onde, porque eu não costumava tê-la nas veias. Hoje, quando penso nisso, acho que ela veio do ódio; ainda que ódio seja uma palavra forte, e que mamãe não gostasse que eu a pronunciasse, sentia-o vigoroso.

“Você não pode odiar seu irmão!”, ela me disse.

Levei só um instante para desistir da resposta, porque já estava odiando. Pronto. Não havia uma saída para fazer o retorno, não havia placas nem acostamento nessa estrada empoeirada que era o meu ódio. Comecei a odiar meu irmão duas semanas antes de segurar o cabo de vassoura no quarto à sua espera, naquele domingo.

Comecei a abominá-lo em um sábado à noite. Ele apareceu com olhos vazios, tão vazios que me apavorei. Quis bater nele, mas foi ele quem me bateu no final das contas. Apanhei o suficiente para ficar no hospital por três dias e duas noites; quando recebi alta estava ainda com manchas roxas pelo corpo. Meu irmão não queria me bater, mamãe tinha dito com olhos inchados de tanto lacrimejar.

“Ele só queria dinheiro, nem sabia quem você era.” Essa constatação doeu mais do que a surra. Ele podia estar louco. A gente briga, apanha, não devia, mas acontece. Agora, esquecer um irmão é coisa que não se faz.

Meu pai era terapeuta. Um homem paciente. Demais, até. Entrou no quarto do hospital assim que mamãe saiu, sentou-se plácido e perguntou se eu queria conversar a respeito. *Putá merda*. É claro que eu não queria. Eu mal podia falar de tão inchados que estavam meus lábios. Eu queria bater naquele desgraçado, só que ia apanhar de novo. Então me contentei em resmungar um não e ficar calada. Papai ficava desgostoso se ouvia palavras saírem dos meus lábios, então disse todos eles apenas em minha mente.

Meu irmão ficou sem aparecer depois disso. E assim como ele, nós fingíamos que nada tinha acontecido. A história é que eu caíra, sabe Deus onde. Só que eu sabia que papai saía para procurá-lo toda noite. Estava sempre ansioso, querendo saber se faltava algo do mercadinho.

A verdade é que a cidade era grande, e os viciados se espalhavam por suas sendas como se conhecessem seus segredos. Só que papai nunca o encontrou. Sorte dele. De fato, meu irmão sempre foi um garoto de sorte, ganhava todas as rifas que comprava, mesmo quando comprava um único número. Eu podia comprar todo um talão de rifas e nunca ganhava nada. Talvez nem se fosse a única pessoa concorrendo.

Depois disso, mamãe chorava mais alto quando chorava escondida. Às vezes no banheiro, às vezes na cozinha. Eu sabia que ele nunca quis magoá-la. Ele só não conseguia mais se controlar. Seu corpo não era seu, sua mente estava em outro lugar. Ao menos era o que eu queria acreditar, assim ficava mais fácil perdoar os acontecimentos dos últimos meses. E eram muitos. Se eu pudesse transformá-los em pingentes, eles encheriam um pote rapidamente.

Se me lembro bem, a primeira coisa a sumir foram as joias de mamãe. Um clássico. Pena, elas não eram muitas: resumiam-se a um pingente de ouro em forma de coração e um anel com um diamante solitário que recebera de herança de sua mãe, e um dia seria meu. Bom, não mais. Agora, provavelmente, estava no dedo da namorada do traficante. Depois desse roubo, mamãe chorou na nossa frente, se

perguntando se ao menos ele obtivera um bom preço por elas, como se isso importasse.

Por fim, creio que ele não conseguiu um bom preço, já que não demorou pra voltar. Talheres. Vasos. Eletrônicos. Até roupas. O que estivesse à vista quando meu irmão entrava em casa terminava perdido lá no complexo da Maré. E já não importava quanto papai pagara por esses objetos, eles valiam menos, muito menos, valiam um pouco de pó, um segundo de excitação, um outro *hype*.

No começo, acreditava que ele sentia remorso. Digo isso pelo modo com que seus olhos escorriam para o canto quando encontravam os nossos. Depois da surra, já não creio mais. Deixei minha fé no chão junto com o sangue que suas mãos arrancaram. Papai ainda não consegue falar sobre isso, ele se refere ao acontecido pelo termo “acidente”. Não foi um acidente. Acidente é andar na rua e ser atingido por algo aleatório, é derrubar a xícara de café, acidente é cocô de pomba cair no seu ombro enquanto se espera o ônibus no ponto.

Quando meus pais se dão conta que meu irmão está indo embora da sala com uma sacola cheia de pertences, eles não falam nada, suas mãos fecham a porta da cozinha, como se uma brisa os houvesse incomodado. Mamãe murmura uma prece. Ela sempre ora quando está com medo. Papai chama o porteiro pelo interfone para avisar que o filho não pode subir mais, não está autorizado.

Eu estava lá no quarto, pronta para a revanche. Meio atordoada, percebo que a revanche não vai acontecer. Meu irmão foi embora tão rápido que nos deixou ainda mais estarecidos do que quando era violento. Não esperávamos essa discrição, essa ausência. Ele nos havia roubado com uma certa decência.

Desço para a sala, e há um buraco ali deixado pelas coisas que não existem mais, deixado pelo seu cheiro. Não falamos sobre isso também. Mamãe abre a porta da cozinha e avisa que o jantar está servido. Desta vez jantaríamos sem o barulho do Fantástico ao fundo. Não havia mais televisão. Porém, é claro, não falaríamos sobre nada disso. Nunca falávamos.

**Ivan Hegen** | Nasceu em São Paulo, em 1980. Formou-se em Artes Plásticas e tem mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Publicou os livros *A Grande Incógnita* (Annablume, contos, 2005), *Será* (Ragnarok, romance, 2007), *Puro Enquanto*, (E Editorial, romance, 2009) e *Rock Book — Contos da Era da Guitarra* (org., Prumo, 2011), *A Lâmina que Fere Chronos* (Prumo, 2013) e *Clarice Lispector e as Fronteiras da Linguagem* (Benjamin, 2016), além de artigos para diversos sites e revistas sobre estética e política.

### *caso esteja por aí*

**D**ava um certo ódio quando meu pai falava, com a maior naturalidade, para mim e para meu irmão, *Uma pena que vocês não tiveram mãe*. Posso não me lembrar de nada, mas eu tive mãe. Por dois anos, que seja, mas a sensação permaneceu, um calor, uma reminiscência mais física do que mental, uma espécie de rede protetora colada à pele que levarei para o resto da minha vida. E nós temos os vídeos, posso ver e sentir que era uma mãe afetuosa. Meu irmão bem pequeno, no colo, ela cuidando dele como criatura frágil e preciosa recém-gerada, ou brincando comigo, me fazendo cócegas e soprando em meu ouvido para eu dar risada.

Eu tive uma mãe pura como ninguém mais teve. É um saco ela não ter me acompanhado, não ter me visto crescer. Por outro lado, não tive a chance de decepcioná-la, ela se foi cedo, ficou livre de testemunhar todos os meus erros. Também permaneci pura enquanto ela viveu. Deve ser por isso que ainda carrego uma inocência no olhar, que sofrimento algum consegue apagar de todo. Este meu olhar resiste às intempéries, resiste à minha própria degradação, algo que permanece irreduzível aos acontecimentos. Ao menos uma pequena parte de mim não se deforma pelo que me ocorre, escapa ao alcance de tudo que se corrompe.

Também não gosto de ser vista como uma coitada por ser órfã, apesar de admitir, com uma infelicidade, que tudo se passou mais devagar para mim por não ter tido esse exemplo maternal enquanto crescia. Meu grande esforço não pôde deixar de ter sido esse, o de

ser menos seca, menos fatalista, e descobrir praticamente sozinha como me afeiçoar ao mundo, como receber alguma ternura e me humanizar. Crescer só com o pai. Muito mais difícil para mim, entender a dinâmica adulta entre um homem e uma mulher sem acompanhar desde o lar o que é um casal.

Nos meus momentos mais sombrios, é inevitável, imagino que meu pai, de alguma maneira que nem sequer vou saber com muita precisão, deve ter adoecido minha mãe. Eu sei que é um exagero, mas ainda pior é pensar que o amor filial de minha parte e do meu irmão não a salvaram. Eu me culpo também, e é o tipo da coisa que nem adianta falar com ninguém, porque só vão dizer que é besteira minha — e, na verdade, é mesmo uma besteira sem tamanho. Um peso que me acomete de vez em quando, mas depois de me torturar um pouco eu respiro fundo e me aprumo, sabendo que é um masoquismo dos mais desaconselháveis. Quando assisto aos vídeos, a sensação que prevalece é a de que ela tinha amor de sobra por mim e pelo meu irmão. Pelo meu pai, não tenho certeza. A tia Clara diz que meu pai ficou enciumado quando ela passou a dar mais atenção para os filhos do que para ele. Dizem que isso é comum, o pai preterido, com dificuldade para se conformar em ficar para segundo plano. Vez em quando parece ter algo de mórbido no velho, que drena as energias de quem fica muito perto dele. Na verdade, o que me incomoda é ele falar muito pouco, quase nada, sobre a mãe, e eu nunca sei se é por a dor ser grande demais e jamais ter se fechado ou se porque ele já não tinha amor por ela nem quando estava viva, quando menos por uma esposa morta.

Este texto não se dirige a ninguém aqui da terra, mas pode ser que do além possam nos observar, que minha mãe esteja bem aqui, ao meu ombro, acompanhando cada palavra que aparece na tela do computador. Como é que vou saber, se não morri? O que não me convence é o Deus moralista, não consigo levar a sério a ideia de um Deus barbudo e onisciente que tem a manha de criar um universo inteiro e, depois dessa obra tão vasta e complexa, só se interessa pela mixaria de saber se você vai se casar virgem, se masturbar, falar palavrão ou beijar gente do mesmo sexo. Também tem gente que acha que Deus é bondoso, que ele tirou minha mãe de mim aos dois anos de idade porque *escreve certo por linhas tortas*. De linhas tortas

já me bastam as que estou digitando agora. Ao menos tenho a humildade de dizer que não faço ideia do que acontece depois da morte. Acho desastrosa a prepotência dos que julgam que você vai para o inferno se não agir exatamente como querem, mas também acho o materialismo convicto uma posição acomodada. Quando foi que a ciência provou que não existe vida após a morte? Pode até ser que exista uma espécie de “Deus”, mas provavelmente muito diferente do que a imaginação humana concebeu até agora. Acho que exige maior caráter ser agnóstica do que ser atea, porque a gente vive com a dúvida em aberto. Até o materialismo é uma certeza apaziguadora, porque põe tudo nos eixos, torna o mundo previsível e explicável.

Dito isto, eu me sinto bem ridícula falando diretamente para ela, mas lá vou eu. Mãe, desculpa por essas páginas confusas. Foi só pensar em você pra minha escrita ficar toda em ziguezague, indo e voltando, hesitante como eu sou quando não sei o que há a um palmo do meu nariz, seja em relação a esta vida ou à outra. Mãe, para mim você é principalmente um conceito, de bondade e de pureza, que eu carrego sempre dentro de mim, mas confesso que não penso em você tanto quanto deveria ou poderia. Se você de algum jeito me observa, já deve desconfiar disso, que eu sou inconstante, que eu sou volúvel, que eu erro muito. Eu gostaria que você tivesse ajudado a guiar meus passos, me aconselhado, me irritado um pouco, até mesmo brigado comigo. Você aí, no além... eu estou falando para você, mas é melhor ser franca e dizer que estou me dirigindo a você como uma *hipótese*.

No fim das contas, é preferível me considerar desgarrada de você, e eu também prefiro pensar que a culpa pelos meus atos é toda minha, que você não falhou como mãe. Triste que minha fé seja fraca e interesseira, que eu só me ponha a imaginar que você está ao meu lado me escutando nos meus momentos de desespero. Estou sem pistas, mal sei para que lado virar. Eu não tenho a menor ideia de como é a logística aí do além-túmulo, mas se puder me mandar algum sinal, se puder me ajudar a fazer minhas escolhas, aproveite agora, quando estou mais vulnerável do que meu normal, para me fazer prestar atenção. Nem depois de morta eu te dou descanso, não é, mãezinha? O mundo dos vivos é um caos, sorte sua não pertencer



mais a isto aqui. A qualquer momento, portanto, um sinal. No fundo eu quero, eu quero muito, mudar, só não encontro forças, encorajamento. E eu queria, sim, a minha mãe, quem não quer?

**Luciana Pinsky** | É, originalmente, jornalista, com passagem pela revista *Época* e pelo jornal *Valor Econômico*, entre outras publicações, e se enveredou para a ficção, especialmente para crônicas. Publicou um romance, *Sujeito oculto e demais graças do amor* (Editora Record). Atua, desde 2005, como editora de livros pela Contexto. E mantém seu blogue de textos ficcionais: <http://lucianapinsky.blogspot.com/>

## *o buraco*

**P**assa por lá todos os dias. E todos os dias vê o bueiro. Inicialmente a tampa não encaixava direito. Sempre que algum carro cruzava a esquina o som metálico da dança da tampa a incomodava. Com o tempo, os carros evitavam o lugar, tornou-se um transtorno. Quando chovia, a tampa pulava e rios invadiam a pista, como cupim no fim da tarde quente de verão.

Depois da chuva só ficava a desgraceira. A sujeira. Atordoados, vizinhos colocavam cones para indicar que o lugar já não era rua, era breu, era o fim. Ainda assim, alguns carros metiam a roda; e o prejuízo em tempo, dinheiro e saúde mental era certo. Por sorte a tampa não foi roubada, destino de várias outras tampas de bueiro da cidade.

Um belo dia de sol o buraco estava fechado. A tampa não estava nem um milímetro para cá ou para lá. Milagre? No dia anterior, ela vira 13 homens uniformizados, 10 pás, um caminhão e uma máquina inédita. Tudo isso para domar o buraco que voltara. O buraco que sempre voltava. Alice, desconfiada, pediu para falar com o chefe.

— Vocês estão fechando o buraco?

— Sim.

— Tá feio, né?

— Sim.

Os 13 homens trabalharam por duas horas. O asfalto ficou brilhando, sem um buraquinho. O bueiro fechado. Mas Alice sabia que nem seria preciso esperar pelo verão. A chuva de outono já faria jorrar um rio, o rio levantaria a tampa, a tampa ficaria perigosa para todos que passam e o buraco retornaria.

— Mas alguém consertou o encanamento lá embaixo do bueiro, que faz com que ele transborde toda vez que chove um pouco mais?

— Nosso trabalho é fechar o buraco e é isso que vamos fazer. Com licença.

Rio, buraco, bueiro, asfalto arrumado, asfalto rompido... ah, Alice conhece tanto essa história. Tanto tempo fechando buraco para quê? De outra feita, ela vira, jogaram asfalto frio no buraco e ajeitaram com o tal rolo-compressor. Premido pelo rolo, o buraco ficou intimidado. Mas um mês depois já começava a se revelar, primeiro timidamente, depois em sua plenitude.

Ela também guarda um rio em sua alma, que não raro invade seu corpo. E ela fecha, sempre fecha. Com antibióticos, antidepressivos, anti-inflamatórios e mais tantos antis que achar na farmácia. E o buraco fecha, fica tudo bem, a chuva vem e.

— Mas, senhor, enquanto o encanamento que vai abaixo do bueiro não for consertado, você fecha hoje e na primeira chuva abre de novo.

— Olha, até pode ser. Mas isso é outro departamento. Nós cuidamos de fechar buraco.

Seu rio caudaloso começou com um lago tranquilo. As chuvas vieram sem avisar e as águas nunca mais foram calmas. Às vezes, represadas, mantinham-se na linha. O sol parecia um alento. Mas logo o céu cinzento fazia o rio explodir e a tampa do bueiro da alma ganhava os ares.

— Não seria melhor chamar alguém para consertar o problema das águas antes de mexer no buraco?

— Moça, o que você quer de mim? Não dá para deixar o buraco desse jeito, é perigoso, alguém pode cair.

Alice ainda testemunhou aquele buraco voltar algumas vezes. Na última, puseram uma cadeira dentro. Um senhor sentou e começou a ler um livro, como se estivesse na sala de casa. Tiraram foto, apareceu em rede social, em TV, em jornal.

Dois dias depois, dois homens estavam junto ao bueiro. Um entrou, o outro tratou de fornecer o que o primeiro pedia lá de dentro. Quando Alice passou novamente, na hora do almoço, eles estavam partindo.

— Vocês consertaram o vazamento?

— Sim, acho que fazia tempo que ninguém entrava aí.

Investigar os recônditos do corpo, descobrir o que transforma águas calmas em tsunamis. Ah, como é difícil. Fazer isso em pleno ataque das águas é impossível. Alice esperou dias ensolarados e lá foi, escarafunchar a pele até encontrar em lugares que nem imaginava existir dentro de si os ventos que enfureciam as águas que abriam crateras que exigiam tantos antis. Falou com os ventos, pediu calma às águas, mas antes de fechar buraco deixou escorrerem bile, secreções, excrementos.

— Mas consertaram para sempre?

— Para sempre é muito tempo. Mas posso dizer que o problema que havia foi reparado. O bueiro fica em área de declive e quando chovia vinha tudo de uma vez, a força das águas era inclemente. Agora a água chegará de forma mais suave evitando novos danos.

Evitar novos danos. Por ora, bom demais.

**Sergio Leo** | Escritor, jornalista, artista plástico. Prêmio Sesc de Literatura com o livro de contos *Mentiras do Rio* (Editora Record); publicou *Ascensão e Queda do Império X*, sobre o fiasco de Eike Batista (Editora Nova Fronteira), “Segundas Pessoas” (conto, e-galáxia) e contos nas revistas Pessoa, La Pecera e Flaubert. Foi curador da 3ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura, em Brasília, e jurado do concurso de contos Machado de Assis (Sesc/DF); participou de duas exposições coletivas no Museu Nacional de Brasília. Trabalhou no Valor Econômico, O Globo, Folha de S.Paulo, O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, TV Globo, Isto É Dinheiro e Isto É.

### *Tarzan, o filho do alfaiate*

*Você pode ouvir a música de Noel Rosa na voz de Zeca Pagodinho em que este conto foi inspirado no [link](#).*

**T**udo começou porque nada começava: nem os pelos, nem centímetros a mais, nenhum dos sinais esperados de masculinidade amadurecia no corpo magro. Nos shorts apertados da época, onde amigos de praia exibiam uma virilidade distraída, era evidente, nele, a criancice sem volume.

Como um herói, superou por conta própria a inimizade do destino: um enchimento de meias grossas, enroladas, passou a ocupar, no short, o lugar em que falhavam os hormônios. Cedou, abdicou do futebol, por medo de que, em alguma jogada brusca, lhe caíssem os colhões postiços, de algodão e poliéster.

Deixou os esportes, mas aprendeu a inflar os pulmões, com roupas de tecidos grossos, e sustentar, com o fôlego, uma robustez que não tinha. Empinava-se, controlava a respiração e andava como um lorde atlético, confiante, até tagarela, parecia mais velho. Talvez pelo esforço de carregar uma idade que não era dele, sentia uma preguiça danada.

Horas na cama, em silêncio, lia muito, e debatia, com o travesseiro, planos ambiciosos para enfrentar a indiferença do mundo. Podia passar um ano sem se aproximar da praia, do outro

lado do túnel, marulhando em Copacabana. E ambicionava, muito. Cobiçava as mulheres, principalmente.

Seguia com os olhos, pelas ruas do Centro, a vendedora da loja de roupas; a cobradora do ônibus 433, que parava na Praça XV; a executiva que atravessou a rua do Comércio, sem notá-lo, e entrou elegante no edifício da Bolsa de Valores; a moça da portaria no número 9 da rua Candelária. Imaginava como seria levar à praia a ruiva com que cruzou uma vez na rua Sete de Setembro ou a secretária vista rapidamente numa breve passagem pelo Instituto de Educação, costurava fantasias com as dezenas de meninas do Instituto...

Mas a alma cobiçosa de Clayton era sabotada pelo corpo: quando, afinal, pôde dispensar a meia-enchimento da infância, espinhas tomaram-lhe a pele.

Em toda a adolescência, experimentou cremes, banhos, dietas. Por pouco tempo, tentou, na academia, expulsar a acne com exercícios entre esteiras, roldanas e pesos de ferro.

Por pouquíssimo tempo. Um leve enjoo lhe feria o estômago ao pensar em ser visto com roupas de ginástica. Não tinha paciência para movimentos repetitivos.

“Não tenho saco”, dizia, muito à vontade com a metáfora, que, no passado, o perturbava.

De peito estufado sob um terno, camiseta, blusa de malha e camisa de brim, tinha ânimo de frequentar as gafieiras, onde, suando, exercitava pulmões e panturrilhas conduzindo as moças que se deixassem levar. Passou de garoto a homem frequentando, ereto e almofadado, botecos e certos lugares na Lapa. Descobriu que, em troca de modesta e merecida recompensa em dinheiro, havia quem não só aceitasse ser levada para dançar como também lhe vendesse — barato, até — noitadas amorosas. No escuro, demorava pouco em se livrar das roupas e meter-se entre lençóis, como um gato magro e libidinoso.

Não era negócio, era romance; fazia poesia às parceiras. “O vil metal atrai as joias mais fugidias, sabia?”

Algumas faziam careta.

Mais que a leitura e um vocabulário antigo, valia o dinheiro, que gastava fartamente com os prazeres a emagrecer ainda mais o corpo miúdo.

“Economia sempre acaba em porcaria”, dizia, o lábio fino e meio torto sorrindo com o sabor da frase roubada de outro boêmio.

Era mais procurado pelos agiotas que por mulheres interesseiras. Administrava o assédio como financista amador, xingando-os sempre pelas costas; na falta de dinheiro investia em preconceito: o credor que o perturbava era “o judeu”, “o turco”, às vezes até “o armênio” — ainda que o dinheiro cobrado tivesse origem em algum comerciante de traços asiáticos.

Com as namoradas, não discriminava; apaixonava-se, em várias formas e cores. Não dava exclusividade a nenhuma, sabia que também tinha limites nas exigências.

“Estou cismado com a Maria...”

“Mas... você acha que ela...?”

“Não acho nada, estou cada vez mais perdido.”

“E...?”

“E como dizia o outro, a paixão é dor para o crânio, não para o coração. Me passa a cerveja.”

Havia, sim, algumas paixões dolorosas. Mas, enxaqueca séria eram os agiotas que financiavam as bebidas, os amores e as apostas em jogos de azar.

“Salve Clayton, quanta saudade!”

“Mas, nos vimos anteontem, esqueceu?”

“Saudade daquele dinheiro que te emprestei; há quanto tempo não dá as caras!”

Piadas velhas, argumentos batidos, os cobradores não tinha originalidade; e ainda prometiam tragédia. Com cinco anos de trânsito pela Lapa, Clayton percebeu que já não podia mais afastar credores prometendo que pagaria quando pudesse, se a loteria permitisse, se a polícia quisesse — desculpa emprestada de outro dos sócios de bebida e gafeira, que devia ter roubado de alguém.

Precisava botar de lado seu instinto de nobreza (ou de parasita, não há muita diferença nesses comportamentos instintivos).

Resolveu buscar emprego. Não foi difícil encontrar um, quando desistiu de pedir aos conhecidos uma colocação em alguma empresa

privada. As leituras que não serviam para conquistar mulheres lhe facilitaram boas notas em um concurso público.

Mas, empossado na engrenagem burocrática, o salário de técnico administrativo de nível médio foi insuficiente para pedir alforria aos agiotas, a quem estavam amarrados o sexo e outras alegrias. Confiava resolver esse problema. Só não sabia como.

“Sou pobre em dinheiro, mas rico em ideias”, repetia Clayton, um pouco para si mesmo. A frase, copiava do mesmo amigo de farra que lhe dera desculpas para nunca economizar, mas os meses que se seguiram foram pobres em resultados.

Malsucedido, ouvia, miserável e interessado, histórias de companheiros de boteco, sobre mulheres apaixonadas que, em vez de despesas, davam renda. Aparentemente, estava nos músculos vistosos dos fanfarrões o poder de atração masculina que não tinha.

Os exercícios respiratórios e os cuidados de vestuário, o desembaraço, a habilidade na gafeira, todos os ativos de seu patrimônio espiritual não valiam. O caso não era de fortaleza de caráter; era de robustez visível, pujante, tónus, hipertrofia, força física.

Contaminado estava por esse desejo de potência, quando, no Antiquário da Gema, a gafeira preferida, entre uma dose de cachaça e dois copos de cerveja, após um prato de linguiças, dançando com uma senhorinha robusta chamada Adelaide, mais conhecida como Marli, Clayton teve, finalmente, uma ideia de como livrar-se da angústia que passara a ser sua companheira de copo.

Era noite de quinta-feira, quando a densa resistência dos seios abundantes colados a seu peito angustiado lhe trouxe uma epifania. Não era a primeira vez que notava, ao dançar na gafeira, uma densidade um tanto artificial ao encostar seu tórax empinado nos peitos de alguém; mas, conversando com a companheira de dança, lembrou-se de que o artifício não era privilégio das mulheres.

“Doeu muito?”

“Doeu nada, bobo; te dão anestesia antes de fazer o implante”.

Era mentira, dores incômodas haviam perturbado alguns dias de pós-operatório; mas Marli achava deselegante revelar as dores e desconfortos comuns à vida das mulheres belas.



O fim de semana foi dedicado à intensa pesquisa sobre o tema, entre amigas e amigos da fauna boêmia. E, três quintas-feiras depois, Clayton viu-se na horizontal, em uma cama cirúrgica, o peito liso decorado com marcas tracejadas na extensão do músculo peitoral maior, num desenho com dezessete centímetros de distância entre o ponto mais baixo e o mais próximo do ombro.

O médico, recomendado após uma rodada de consultas à rede de relações formada por ele em tardes e noites de exploração da selva noturna do Rio de Janeiro, havia lhe mostrado já na sala de operação a bolsa de silicone almofadada, com quinze centímetros de extensão, que lhe seria incorporada, dando-lhe um volume de halterofilista amador.

“Esse troço não rasga?”, havia perguntado o paciente, apontando o singelo e maleável peito artificial.

“Não tem chance. Isso é material europeu”, tranquilizou o doutor, sopesando com a mão segura o volume translúcido e gelatinoso.

Amparado pela escuridão da anestesia exigida por ele, Clayton dormia quando o médico inseriu, nas marcas pontilhadas, a agulha grossa por onde injetou um líquido destinado a facilitar o trabalho de descolar seus músculos de sua cama óssea, para, entre carne e esqueleto, meter o pacote de silicone. Um corte seguro na axila abriu na pele de Clayton uma fenda avermelhada, uma boca sem dentes, de lábios finíssimos e gengivas amareletas de gordura encaroçada, logo arregaçada para os lados por largas pinças metálicas e penetrada suavemente pelo cirurgião com uma espécie de tesoura de bico encurvado, os dedos enluvados de borracha e uma gaze enfiados também para separar cuidadosamente os tecidos, de forma a abrir um buraco por onde meter, em seguida, o acréscimo artificial nos peitos do herói.

O dedo enluvado do médico enfiou-se totalmente na cavidade mole e indefesa rompida no peito de Clayton, e se mexeu lá dentro, um volume móvel, visível e decidido sob a pele, testando os limites da incisão cirúrgica. Pelo buraco aberto, um outro instrumento, como uma colher de metal brilhante, completou a tarefa de descolar músculos e outros tecidos, lacerando Clayton como a um frango inerte em que se abrisse uma enorme ferida sem sangue.

De olhos fechados, rosto sereno, o herói não moveu uma fibra muscular no rosto enquanto, pela abertura criada, o médico lhe introduzia no corpo a prótese almofadada, de cor ligeiramente leitosa, apoiando o dedo indicador esquerdo para criar uma pequena dobra na bolsa de silicone, e usando o direito para conduzir o pacotinho espremido corpo adentro, empurrando o volume pela abertura estreita. Uma vez colocada sob o músculo, a mama artificial foi acomodada com uma precisa massagem das duas mãos do doutor por cima do peito de Clayton, até encaixar o material no lugar marcado.

Um bem definido peitoral de atleta passou a luzir onde antes havia o tórax de um frangote. Em menos de uma hora, o médico lavava as mãos, assoviando. Intervenções semelhantes deram a Clayton um abdômen definido, novos braços e antebraços de grande primata civilizado.

As primeiras semanas com o novo corpo foram dolorosas. Clayton teve de usar uma camiseta elástica e evitar movimentos amplos nos braços. Aprendeu a valorizar pequenos gestos. Demorou um pouco até passar o medo pânico de deslocar o novo complemento corporal, em algum movimento brusco.

De peito novo, ele foi à luta. Teve alguns sucessos amorosos, mas desidratou-se, pouco a pouco, a esperança de pagar a dívida contraída para a operação com dinheiro generoso das amantes, que não veio nas medidas das necessidades.

E, por elas, as necessidades, perdeu o controle. Acreditou ter a força que só existia nos olhares impressionados, das moças e dos turistas na praia que voltou a frequentar para exibir a boa forma.

Ameaçou briga, quis rasgar os contratos com os agiotas. Com o silicone, e o desespero das finanças em crise, viu implantada na alma uma ferocidade sobre-humana, que desconhecia.

Para surpresa até dele mesmo, cercado um dia por emissários violentos de um dos credores, ao sair de um bar que já ia fechar, em um canto mais escuro dos Arcos da Lapa, partiu de peito aberto para enfrentar os gorilas.

Aos gritos, bradava insultos, a face vermelha.  
E veio aquele soco.

**Myriam Campello** (Rio de Janeiro) | Romancista, contista e tradutora brasileira. Publicou *Cerimônia da Noite* (romance, 1971), vencedor do Prêmio Fernando Chinaglia para romances inéditos, *Sortilegiu* (romance, 1981), *São Sebastião Blues* (romance, 1993), *Sons e Outros Frutos* (contos, 1996), *Como Esquecer, anotações quase inglesas* (romance, 2003), adaptado para o cinema, *Jogo de Damas* (romance, 2010), *Adeus a Alexandria* (romance, 2014) e *Palavras são para comer* (contos, 2017), finalista do Premio Rio de Literatura em 2018.

## táxi

Sem desmerecer: se a senhora não está bem imagina eu, casado há cinco anos com mulher que mal vejo, li numa revista que após três anos há sempre uma sacudidela, casamento e torradeira falham, parece que não gostam de sossego

Não sei como se desenrola sua vida (é resfriado não? Ou dengue chicungunha mosquito faz estrago tá com febre?)

dois filhos pequenos  
apaixonado

sei que cada um é cada qual, o que chove cá não chove lá e sou mais velho. A senhora acha que idade diferente pesa?

## Repentino

a amizade dela com a vizinha da frente. Até gostei, sabe, às vezes chego tarde, achei bom que tivesse companhia

Quando voltei nem sinal de janta no fogão. Meia hora depois chegou nervosa e aprontou a comida em três

minutos, puta dona de casa desculpe  
a expressão, não posso me queixar

A vizinha é até uma moça legal. Mas  
daí a largar tudo pra ficar de  
conversa, a casa revirada assim não é  
possível, ontem eu é que dei banho  
nas crianças

por que não?

botei na casa tudo que uma mulher pode querer churrasqueira  
piscininha as crianças se esbaldam Net pros filmes românticos, levo  
todo domingo no pagode (agora menos já que não faz questão,  
prefere ficar quieta e navegar no seu mundo — me trancando de  
fora)

atazanado

até queria a sua opinião

atormentado

Meu irmão fala que casamento desafina sozinho nem precisa  
ninguém, a coisa sai dos eixos perde o tom, ele toca na banda e  
entende de instrumentos, é assim mesmo, cara, não encana,  
dá um trato nela, faz vontades, não trabalha tanto e volta tudo  
ao normal. Venho fazendo isso há quatro meses, não mudou  
foi nada!

perdido

como é que pode essa transformação?

Não me trata mal mas distante, fechada em si nenhuma  
fresta. Olhar fixo sempre em outra coisa que está longe.  
Perguntei se deparava com fantasma: seu sorriso me  
cortou ao meio a tal ponto me pareceu disperso. Sorriu  
não para mim mas abraçando o que anda dentro dela

Cabeça de mulher a gente não entende, o problema de pedir opinião a homem é que ele vem com uma linha de montagem de patifarias, que é só no que pensam

Medo dos postes sim já que pouco durmo, então tome de café e coca-cola, a cada três horas à noite uma eu capoto, levanto como um vampiro enxovalhado, sem repouso nenhum

Sou mais velho quinze anos, ela costumava achar isso um tesão e fazia por onde. Fomos felizes até a gente se mudar para cá, “cuidado quando a casa ficar pronta” é um ditado chinês, será que tinta fresca atrai o que não deve? Seja lá o que for chinês é bicho sábio

Eu perguntei!

Que eu estava imaginando coisas: só cansada casa crianças muitos afazeres.

Eu é que sei.

Quis passar uns dias na casa da mãe, dei o dinheiro achando que podia melhorar. Voltou de Colatina mais enfiada nos próprios pensamentos. Quando pressinto que vai despejar revelação me afasto pra não ouvir, a coragem sobe e desce ribanceira de segunda a segunda. Terça quero saber mas na quarta deixo a noite me engolir, brinco com as crianças junto e pronto, hora da cama. Mesmo ruim a rotina está ali de sentinela reforçando os dias, a gente afunda nessa massa parda e vai vivendo, ninguém presta atenção o tempo todo. De longe tudo parece como antes. Deslizo junto com a vida mas sei que nada é o mesmo.

No outro dia me ligou que a vizinha tinha adoecido e precisava dela, ia ficar por lá naquela noite. Melhor passar mesmo mais tempo com a vizinha que sumir de vez, sei que não tem amigas, sente falta. E a senhora o que que está achando?

**Fábio Mariano** | Mora em Campinas-SP e é autor de *O Gelo dos Destróieres* (contos, 2018) e *Habsburgo* (novela, 2019).

## *projeção*

Procurava o papel. O professor lhe escrevera dois dias antes, no corredor, quando visitou o cursinho para agradecer pelas provas difíceis. Apalpou os seis bolsos da bermuda até que o retirasse do meio do livro que levava. “Pegue o 4.82, desça na frente do Açougue do Massa e lá pegue o 1.19. Passa de vinte em vinte minutos. Para na frente do shopping.” Volte de táxi, adicionou verbalmente. Era talvez a oitava vez que olhava para os rabiscos a caneta. Guardou-os, deixou dinheiro no balcão da padaria e foi.

A entrevista fora rápida; o emprego, conseguido. Você vem aqui, bota o filme, aperta o botão, olha bem essa tabela aqui dos protocolos, sincroniza tudo direitinho. Não tem mais muito segredo com essa projeção digital, é só deixar o negócio rolando. Lembrava-se das palavras do gerente que atendia por um sobrenome de cabo da PM. Quando sair, apaga a luz. Se o pessoal começar a gritar, é porque tem alguma coisa errada. Essa salinha aqui tem luz e isolamento suficientes para você ficar estudando. O que é que você faz na faculdade, história? Ajuda. A gente projeta muita coisa legal, e vai que dá para fazer algum trabalho sobre um dos filmes daqui. É possível, sempre, claro. Só fica com o ouvido esperto, porque de vez em quando eles chamam. Aí é só me chamar e a gente dá uma cortesia e manda eles virem outro dia. Como não tem outro cinema decente na cidade, eles voltam. Reclamam, é verdade. Mas voltam.

O Açougue do Massa tinha cheiro de churrasquinho de gato feito com carne de cachorro. Ao lado dele, um sebo que estampava revistas pornô cobertas por tarjas pretas muito malfeitas. No ponto, dois homens esperavam para entrar e pregar a salvação das drogas vendendo uns cartõezinhos de palhaço, um terceiro tinha pipoca água refrigerante e bacon, e sete pessoas esperavam o urro das portas do seu número se abrindo. 3.24, 5.13, 2.76, 2.75, e ela pensava que tinha se passado sete minutos. Olhou para o papel mais uma vez, para se certificar do número 1.19, e ao pegar sentiu um roçar nas suas costas. Levou a mão até a caneta tinteiro que trazia no

bolso esquerdo, mas era só uma mulher com uma bolsa na mão e uma criança na outra. O ponto ia se esvaziando, doze, treze, quinze minutos. Ele disse vinte, pensava, e eu preciso que dê certo nesse cinema. O cheiro dos cachorros assados se misturava com o dos ônibus, o da criança cagada do lado e o dos pacotes de salgadinho de bacon. Passa logo, passa logo. 1.19. O número fez a curva, se projetou, aumentou. Ao contrário do 4.82, aquele estava quase vazio, e ela se sentou rapidamente na *única* poltrona única. Não sabia se era pior virem de pé ou sentados ao seu lado, mas preferiu assim. Botava a mochila no colo e fim de papo. Faltava pouco. Respirou e olhou o ponto.

Agora é só passar com o chefe para acertar, moça. Boa sorte. O pessoal é gente fina aqui. Ele disse. A porta entreaberta, o cheiro do desodorante velho. Não era a primeira vez. O primeiro era simpático, legal. Agora, ela tinha que entrar. Pagar a kitnet, pagar a padaria, continuar estudando. Continuar indo embora. Foi recebida por K., que lhe pediu que sentasse e lhe explicou os ordenados. Registro, um pouco mais que o salário mínimo, tá? Não tem benefício quase, e o vale não dá para quase nada, mas já é um começo. Ela olhava, atônita, o contrato. Para não olhar a cara. Olhara desde o primeiro momento para a escrivanhinha. Não ouvira a voz. Era bom, era só o necessário. Não podia colocar tudo a perder. Meu Deus, não coloca tudo a perder dessa vez. Levantou os olhos, e viu — e respirou — os seios de K.

Foi só quando o motorista desceu, gritando “uma coxinha”, que começou a sentir medo. Olhou fixamente pela janela, na direção do ponto, para não ver. Não sabia o que era pior, o ônibus lotado ou vazio. Contou os segundos. Não se atreveria a abrir, nem por um segundo, o livro. Não até que o ônibus estivesse em movimento, com as luzes acesas. De relance, teve a impressão de ver seu professor do cursinho passar em algum lugar. Impressão. Viu o motorista voltar, a boca suja com fiapos de frango, e fechar as portas. O abdome finalmente liberou a tensão. Olhou para fora, e então viu. Dois homens se acercavam da menina que, agora, sozinha, esperava no ponto. Tentou trocar olhares com ela. O ônibus seguiu.

O papel do professor era, ainda, um amuleto. Não pensou muito quando o colocou ao lado do aparelho projetor, nem quando,

de propósito, retardou a projeção. A impressão que dava era de que o filme estava sendo carregado por *streaming*, e de que alguns momentos eram em câmera lenta. O público era basicamente masculino — embora houvesse mulheres — e era também basicamente chato. Começou a gritaria, que ela já conhecia há algumas semanas. Ouviu o gerente com nome de cabo da PM e também K. se mexendo em algum lugar, e começou a ouvir seus passos fortes. Era a única sessão daquele filme que parecia lotada, talvez porque fosse quarta-feira de cinzas. O ator acabara de ganhar o Oscar, e tinha acusações de abuso. Tinha que ser naquele filme, com aquele ator e naquela sessão. K. logo viria. Sentiu saudade do cinema de sua infância, o Kino. Riu, e precisou disfarçar o riso. Os espectadores eram todos muito impacientes. Logo começaram a se levantar. Agora, ela distribuía, com K. e o gerente, as cortesias. Mas os espectadores iam embora. Então, ela pegou seu papelzinho, seu amuleto. Com o número 1.19 grifado. “Minha cortesia, moça”, diz a voz, que ela não ouve. “A cortesia? Moça, a cortesia? Moça?” E então se vira. E então vê, no escuro, brava, a mocinha do ponto de ônibus.



**Alessandra Barcelar** | Historiadora, vive em São Paulo, onde nasceu, e atua na área de Gestão Hospitalar e Economia da Saúde. Publicou contos em várias revistas literárias do Brasil, de Portugal e da Alemanha. Participou em 2019 como jurada do prêmio VIP de Literatura (Categoria Contos), Colaborou na coletânea *Conte outra vez, um tributo a 30 anos da morte de Raul Seixas*, que obteve grande repercussão na mídia. Atualmente organiza uma coletânea de contos sobre realismo mágico/fantástico com previsão de lançamento para 2020.

### *a sacola*

A morte bateu na porta e a pequena Giovanna foi quem abriu. “Onde está tua mãe?”, perguntou a Morte, em seu vestido preto, seus cabelos ruivos e suas pupilas de fogo cinza.

A garota já a conhecia. Ela a vira há dois meses, no dia em que sua avó não se levantou mais.

“Siga-me”, disse a pequena Giovanna.

Elas caminharam até o final do corredor e chegaram a uma porta, que a garota abriu para demonstrar boas maneiras. O interior estava completamente escuro. As cortinas fechadas e a janela trancada roubaram as cores da sala.

“Obrigada”, disse a morte em sua voz rouca e sensual. Ela entrou e saiu um minuto depois, com um coração em uma sacola de pano.

Quando a morte foi embora, a pequena Giovanna foi até a cozinha, chegando no exato momento em que uma mulher com o rosto machucado e ferido se jogou de uma cadeira. No entanto, a corda em seu pescoço, por algum motivo inexplicável, quebrou como se fosse borracha.

“Mãe”, a menininha murmurou e a mulher virou-se imediatamente. Ela chorou envergonhada e abraçou sua filha como nunca antes.

“Mamãe, lê um livro pra mim?”

“Eu não posso Giovanna, eu devo cozinhar para quando seu pai acordar.”

“Eu não me preocuparia com isso. Eu não acho que ele se levanta”, disse a garotinha antes de pegar um livro.

\* \* \*

### *depois do fim*

**E**las se beijaram, e a lua não pode deixar de embrandecer-se um pouco.

Valquiria tirou a blusa com lentidão cerimonial, como se um movimento abrupto pudesse destruir o planeta. Um par de lábios pousou em seus seios, muito perto da alma, com uma delicadeza sobre-humana.

Os dedos de Valquiria viajaram para seu lugar favorito: as costas de Helena. Os lábios de ambas roçaram novamente, como o amor e a morte costumam fazer. Uma chuva tempestuosa e agradável desencadeou-se entre suas pernas.

Um homem olhou tudo de fora, com a testa beijando a janela. Não havia luxúria em seus olhos, nenhum desejo, havia lágrimas. Duas mulheres gozando dentro da cabana e uma delas era a esposa dele.

Ele subiu no cavalo, que relinchou quando sentiu o peso do cavaleiro e o de sua tristeza. Avançou ao longo da planície na direção da lua e um segundo cavalo saiu atrás dele. Este foi impulsionado pela morte, que o seguiu atraído pelo perfume de um coração partido.

Seu orgulho como homem era uma arma que não poderia ser usada neste caso. Sua pistola deveria ser usada em uma guerra entre homens, a revolução, à qual ele estava se dirigindo. Aquele par de mulheres era intocáveis: ele não podia matar sua esposa, muito menos... Sua própria irmã.

**Virna Teixeira** | Nasceu em Fortaleza. É poeta, tradutora, tem vários livros de poesia e tradução publicados, e prepara seu primeiro livro de contos. Graduou-se em medicina, e vive em Londres, onde trabalha como psiquiatra. Virna dirige uma editora independente na Inglaterra, Carnaval Press, e é editora da revista online Theodora.

## *ato falho*

Subiu as escadas e avançou no carpete com losangos de arlequim no andar de cima do *pub*, havia passagens com portas escuras e escadas em caracol que conduziam a outros aposentos. Ele/ela em modo *gender fluid* ia abrindo as portas. Chegaram a um quarto de paredes turquesa, com ilustrações de circo em tons de laranja e vermelho, e luminárias de microfones antigos. Ela se fechou no banheiro com piso quadriculado, branco e preto, aplicou a maquiagem e vestiu a roupa da performance. Uma espécie de acrobata fênix, com uma roupa colante e asas, tudo em negro.

Quando abriu a porta, ele/ela agora era ela. Ela(e) estava pronta para que ela a conduzisse, e portava solene um vestido preto e branco como o piso, sapatos pretos e um *petticoat* branco. Uma espécie de colombina. Em seguida tomaram êxtase, como num ritual, e encheram os copos de vinho.

A noite passou como uma alucinação retrógrada, onde abraçavam-se simbióticas com a epiderme quente. Ela(e) falava de um vestido queria usar quando criança, o vestido de flor da sua irmã. Foi quando começou a se vestir escondida. Ela(e) estava tão misteriosa aquela noite, tão feminina, e seus traumas subiam à superfície, como balões, enquanto a outra lhe carregava pelas costas, com suas asas. Ela(e) por si parecia levantar voo, e de repente, aterrissou no meio do quarto, um pouco eufórica, rodopiando o seu *petticoat*.

A outra se conteve, observando. Parecia que haviam saltado de um picadeiro, da altura de uma imagem cinemática. Como num filme de Wim Wenders. No meio da noite adormeceram exaustas depois de tantas cenas extremas, facilitadas pelo êxtase do encontro.

Na manhã seguinte ela tinha se tornado ele. Ele era tímido e metódico, rápido para despertar. Preparou dois cafés na máquina de Nespresso do quarto, e vestiu suas roupas bem passadas de *drab*. Ela colocou um vestido azul, e calçou as sandálias verdes. Partiram apressados, ainda tontos do delírio. Não havia ninguém quando desceram as escadas, todo o burburinho de *pub* tinha se evaporado. Na rua eram outros nomes, outras personas, embora ela fosse menos fendida. Ele saiu apressado para pegar o carro, e para evitar qualquer deslize emotivo. Despediram-se desajeitados.

Ela caminhou incerta, mas feliz até a estação de metrô, ou seria ainda o efeito do êxtase? Parou para comer um *croissant*. Então se deu conta de que se sentia frio. Procurou a jaqueta de couro na mochila. Tinha deixado a jaqueta no quarto. Era de couro legítimo. Evitavam contato telefônico como combinado, mas era uma emergência. Procurou o número guardado numa anotação de celular. Mandou uma mensagem para ele, que não respondeu. Aflita, caminhou de volta ao *pub*-hotel. As portas estavam trancadas. Dobrou a esquina e tentou a outra entrada. Viu um homem de uns trinta e poucos anos, com roupas brancas e um chapéu de *chef*, sentado em um degrau, fumando. Explicou a situação. Era cedo, o *pub* estava fechado, a recepção também. “Não sabe o código da porta?” Ele/ela não tinha lhe dito, mas o jovem *chef* passou os dígitos. Ia avisar a alguém para encontrá-la na recepção.

Ela digitou o código, deu de frente a uma recepção que parecia de hotel dos anos 50, com uma campainha vintage de cobre. Tocou, *ding dong*, ninguém respondeu. Subiu as escadas com carpete de arlequim na esperança de alcançar a jaqueta, mas as portas para o andar de cima estavam trancadas. Ela também não lembrava o número do quarto, pois era dada a distrações. Era estranha a atmosfera circense e ainda onírica da hospedaria à luz do dia, pois as janelas estavam parcialmente fechadas.

Saiu divagando no andar de baixo, procurando alguém, e caiu num átrio de madeira escura, um anfiteatro com fileiras e camarotes. Não sabia que neste *pub* havia um palco, para shows burlescos. De repente se viu trancada num teatro vazio. Como se os atores tivessem partido e a sua jaqueta de couro estivesse inalcançável, trancada no camarim, preta e opaca entre paetês e plumas. Seria

uma espécie de pesadelo matinal em *wonderland*? O que fazia ali, afinal? Teria caído num buraco, como Alice? Como cruzar a fronteira borrada entre ilusão e realidade? Sentiu-se de repente frágil, como uma criança desamparada num labirinto. Pensou em chorar, mas conteve as lágrimas. Disse para si mesma que dominantes não choram. Ela precisava superar seus traumas.

Cheia de coragem, discou o número dele, que atendeu no primeiro toque. Sua voz era diferente, masculina mas cordial. Na prontidão de atender o próximo cliente, embora com um tom reticente. Ele sabia que era ela. Concisa, ela perguntou o número do quarto, que ele emitiu, como um código. Ela desligou. Uma moça austera de tranças apareceu na recepção. Ela explicou o problema. Eu estava aqui com o meu “namorado”. A moça ficou desconfiada. Perguntou se ele voltaria. Ela disse que não. “Como você tem tanta certeza? A chave não está aqui”. Subiram as escadas, e encontraram o quarto totalmente vazio. A jaqueta de couro com tachas estava sobre uma cadeira preta, tão aderida que se confundia com o cenário.

Ela voltou pelo mesmo trajeto até a estação, comeu o croissant, comprou uma garrafinha de suco de laranja gelado. Entrou no trem de óculos escuros. Estava ainda dispersa entre tantas sensações, saltando ainda do picadeiro imaginário, entre a decepção e o encantamento. Ele contemplava uma abóbada de vidro com estrutura poliédrica, aéreo, no centro da cidade. O que fazia ali, afinal? Criou coragem e respondeu a mensagem dela, “achou a jaqueta?”. Da janela do trem ela via o verde, a verdura, o azul do céu, sorria, tomava pequenos goles do suco. Sentiu amor por ela, por ele, por eles, pelo vestido de flor. Respondeu “ainda saboreando a noite”. Mais tarde ele deixou a cidade dirigindo no sentido oposto, e foi divagando na paisagem, e pensando nela.

**Flávia Helena** | Professora de Literatura. É bacharel em Direito pela PUC-SP, licenciada em Letras pela USP e mestre em Teoria Literária pela USP. É autora da peça TRAMA, contemplada com o ProAC 2013, da obra de crítica literária *O fabricante de textos* (Editora Penalux, 2015), sobre o romance *Budapeste* de Chico Buarque e da coletânea de contos *Sem açúcar* (Editora Penalux, 2016), contemplada com o ProAC 2015. Tem contos e poemas publicados em diversas antologias. Faz parte do Coletivo Literário Martelinho de Ouro.

### *desaguar*

**N**otou, primeiro, pelo seu tamanho em relação à vassoura. Uma semana trabalhando naquela casa e não conseguia mais alcançar o alto do cabo.

Depois foram as roupas.

Tropeçava nas barras das calças, de tão compridas. Não conseguia usar os vestidos, porque as cavas do pescoço escorregavam pelos ombros.

Estava encolhendo. Rápido.

Viu que precisava ir embora, quando, num domingo, depois de fazer cocô, quase caiu no vaso e misturou-se às fezes que acabara de eliminar.

Não queria parecer ingrata. Sabia o quanto os patrões a haviam ajudado.

Se não fosse o seu Rogério, ela nem teria onde ficar quando veio daquele fim de mundo. E o quarto até que era bom. Tinha televisão, chuveiro quente. Eles também não pagavam todos os direitos, mas o salário não era dos piores.

Decidiu, então. Partiria sem se despedir.

Foi numa quarta-feira.

Acordou cedo. Preparou o café. Arrumou os quartos. Lavou a roupa. Tratou dos bichos. Varreu a cozinha. Ajeitou o closet da dona Patrícia. Adiantou o almoço. E notou que estava diminuindo cada vez mais depressa.

Não tinha o costume de deixar o serviço assim, pela metade. Só que, naquele dia, não teve escolha.

Se continuasse trabalhando ali, iria desaparecer.

Pequeninha que estava, escalou as portas do gabinete da pia. Mergulhou na cuba cheia de água e louça e entrou no ralo.

Saiu já na rua. Pelo bueiro.

\* \* \*

### *palavras que entram pela boca*

**P**assava as aulas dando tapas irritados no ar.

Não eram insetos, ao contrário do que se pode pensar. O que o garoto queria era espantar as palavras que não conseguia compreender.

No começo, a fim de se resguardar, tentou fugir para um canto da sala aonde elas não chegassem. Mas, advertido pelos professores, teve logo que se acomodar em uma carteira mais à frente.

Mesmo assim, passava o tempo todo distraído, como se não entendesse nada do que acontecia ali.

— Não é má vontade! É dificuldade mesmo. Quando nós fomos embora pro Japão, ele era pequeno. Mal falava. Foi alfabetizado lá, inclusive.

Apesar da justificativa da mãe, tentando explicar o comportamento do filho na escola, a coordenadora insistiu:

— Mas é necessário que o aluno interaja com a classe. Ele precisa se esforçar. Não tem como fugir pra sempre.

A sorte é que havia uma colega disposta a ampará-lo: Mariana.

Por uma semana, sentou-se ao lado do menino tentando ajudá-lo a fazer os exercícios, copiar as lições e, claro, aprender Português.

Com a menina, ele até se animou. Só que o ambiente não colaborava. Gente demais. Muita conversa.

Por isso, ela achou melhor tentar de outro jeito. Na praça em frente ao colégio.

Sozinhos, colocou, com a língua, algumas palavras na boca do garoto.

Os pelos do corpo todo, arrepiados, mostravam que ele começava a entender o novo idioma.

Três vocábulos foram suficientes.

| contos do livro *Sem açúcar* (Editora Penalux, 2016). |



**Anna Monteiro** | Nasceu no Rio de Janeiro, em 1967. cursou jornalismo na Escola de Comunicação da URFJ e trabalha com comunicação e saúde, no Terceiro Setor. É autora de *Granulações*, da Editora Reformatório, publicado em 2018, seu romance de estreia, que conta a história de Pedro e Nina, um casal em crise depois de viver uma grande paixão. A narrativa alterna as vozes de seus protagonistas e a intimidade revela, pela visão de cada um, traços do outro capazes de complicar uma relação. E aquele amor simples, certo e apaixonado, torna-se tão complexo que aos poucos caminha rumo a uma impossibilidade. Acontece o que pode vir num relacionamento: a falta de comunicação que leva ao afastamento e à falta de intimidade. Em 2015, participou da coletânea de contos *14 novos autores brasileiros*, organizado por Adriana Lisboa e publicado em e-book pela Editora Mombak. Uma paixão antiga são os cachorros. E aí entra na história o Bart, o daschund da autora que viveu quase 14 anos, que a inspirou a criar, em 2009, Bartiannas, o blog do Bart e da Anna, onde publica alguns textos.

### *o resto é mar*

**L**úisa chegou lá em casa num dia de temporal, com mala, sacola e um guarda-chuva pingando. Na hora em que a campainha soou, meu pai tocava piano. Ele sempre ensaiava às tardes, porque trabalhava em bares durante a madrugada. Bossa nova, dedos ágeis se alternando nas teclas brancas e pretas. A baía da Guanabara na janela.

Minha mãe tinha a mania de não levar a chave de casa e colava o dedo na campainha, e eu corri para abrir a porta, porque meu pai não largava o piano de jeito nenhum.

A menina diante de mim, de mãos dadas com a minha mãe, era a coisa mais linda que eu já tinha visto. Era minha prima e por causa de uma briga antiga entre a minha mãe e o pai dela, a gente nunca se conheceu. Tinha uns onze anos quando chegou lá em casa, era pequena, os braços fininhos, as pernas compridas e os cabelos

em cachos. A chuva colou a camiseta em seu corpo e, assim que abriu a porta, vi aqueles peitinhos que nasciam, os bicos duros se mostrando para mim. Foi só depois que percebi seus olhos um pouco inchados e um sorriso tímido. Eu a abracei apertado, depois peguei sua mão e disse, vem, vem conhecer a casa. Eu era um pouco maior que ela.

A mãe de Luísa tinha morrido. O pai dela, irmão da minha mãe, começou a beber violentamente, minha mãe dizia, ele cai bêbado por aí, a menina fica solta, não tem ninguém no mundo. E por isso Luísa foi morar conosco.

Eu a ajudava nas lições de casa, ensinava a jogar vôlei, levava para passeios de bicicleta.

De manhã cedo, na mesa do café, a vontade de abraçar Luísa vinha embalada pelo cheiro da pasta de dente, da colônia que ela usava, misturado ao leite e à manteiga passada no pão. Eu disfarçava, dava bom dia e comia em silêncio. Minha mãe lia o jornal, meu pai dormia, tinha chegado quase com o dia raiando. Luísa catava as migalhas da bisnaga com os dedos, os levava à boca e eu queria ser aqueles míseros pedacinhos de pão.

No ônibus para a escola, sacolejando pela rua cheia de buracos, a cabeça de Luísa balançava e caía nos meus ombros. Eu poderia estender meus braços e aconchegá-la, mergulhar meu nariz naqueles cachos, mas ficava imóvel, esperando o ponto para descermos.

Eu a espiava pela janela da minha sala de aula. A distração enquanto a professora enfileirava as orações, ou as equações, tanto faz. Os recreios eram separados, ela no sexto ano, eu no oitavo. Um tchau de longe quando ela me percebia através do basculante, o sorriso largo. A vontade danada de passar a língua naquelas pálpebras inchadas.

O começo da noite, a hora do jantar, as nossas séries preferidas. Eu num canto do sofá, Luísa no outro, os pés dela no meu colo, os meus no dela. Eu comprimia aqueles dedinhos compridos, a palma, ai, isso é tão bom, faz mais, e eu fazia, e ela sempre pedia mais, e eu fazia. E a gente poderia ficar assim a vida toda, seria bom se um meteoro atingisse a Terra naquele tempo, a onda que se

formaria e que engoliria as montanhas, o parque, árvores, pedras, edifícios, carros, engoliria a gente e pronto, o pó, a poeira, o nada.

Luísa dormia no quarto ao lado do meu, o que deixava minha imaginação sair pela porta fechada, se esgueirar pelo corredor, atravessar a porta dela e então eu a via encolhida na cama. A camisola de alça fina, os cabelos espalhados no travesseiro. E de longe, da minha cama, me enfiava ao seu lado debaixo do lençol, alisava suas costas com ossinhos salientes, os quadris, os peitos, maiores à medida que o tempo passava e que agora cabiam perfeitamente nas minhas mãos. Roçava seu pescoço e sua nuca, e descia até as pernas e ia por esse caminho afora. No dia seguinte olhava Luísa na mesa do café, o leite quente, a manteiga no pão, os olhos inchados de sono, minha mãe lendo o jornal. E aqueles desejos todos me assaltavam outra vez. Luísa com um botão aberto. As migalhas. O silêncio.

E a gente foi crescendo, o corpo de Luísa foi mudando, ganhando volume, curvas, coxas. As coisas, essas mudavam pouco. Fazia sol, uns dias chovia. Eu gostava de ver a chuva bater na vidraça e daquele barulhinho de pingos caindo em cima de aparelhos de ar condicionado. A baía da Guanabara às vezes cinza, às vezes azul, às vezes até dourada.

Eu no segundo ano do ensino médio, Luísa, no oitavo. Os horários não coincidiam mais. Solidão ganhando as ruas dentro do ônibus que ainda sacolejava.

Então, num entardecer, naquela época em que as minhas fantasias andavam se esgueirando com mais frequência pelo corredor até o quarto de Luísa, ela me chamou. Eu fui. A veneziana entreaberta. Em algum lugar lá fora tinha uma lua.

Luísa tinha bebido um pouco, senti o hálito. Tudo bem, eu também bebia. E fumava às vezes. Sentei aos pés da cama. O piano do meu pai ao fundo. Fundamental é mesmo o amor. Os dedos ágeis. As teclas brancas e pretas.

Ela segurou meu pé e apertou, puxou os dedos. Aquela sensação boa tão conhecida. Comprimi os pés dela também com as duas mãos. Ela me olhou como se me atravessasse a pele, os músculos, espiasse os meus órgãos, esmagasse meu estômago. Aquelas duas bolas brilhando, as pálpebras de sempre, com a

dobrinha. As mãos dela foram avançando pelas minhas pernas num roteiro que eu imaginei tantas vezes e que me fez fechar os olhos e perguntar você sempre soube que eu te amava, né?

Ela disse humhum, soube, desde o dia em que você abriu a porta para mim.

As mãos de Luísa seguiam sem obstáculos, sem meteoros. Leves, traziam arrepios que eu não imaginava que existissem. Eu cheguei perto dela, nariz com nariz, todas as sardas do mundo, a quentura da respiração. Ela abriu a boca, lambeu meus lábios.

Luísa ficou em cima de mim, desabotoou minha camisa.

Abriu meu sutiã, sugou meu peito, que era pequeno como o dela. Colocou a mão entre as minhas pernas, afastou minha calcinha e senti que eu estava toda molhada.

O piano do meu pai. O resto é mar.

**Sérgio Rodrigues** | É um escritor e jornalista mineiro que vive no Rio. Vencedor do prêmio de livro do ano do Portugal Telecom (atual Oceanos) com o romance *O dribble*, em 2014, lançou este ano o volume de contos *A visita de João Gilberto aos Novos Baianos*. Entre os dez títulos que publicou, destacam-se ainda o romance *Elza, a garota*, o almanaque *Viva a língua brasileira!* e, como organizador, a coletânea *Cartas brasileiras*, todos editados pela Companhia das Letras. Sérgio tem livros lançados na França, na Espanha, em Portugal e nos EUA. É colunista semanal da Folha de S.Paulo e roteirista do programa de TV *Conversa com Bial*.

## *ruindade*

**D**iego é pereba. Íngua. Perna de pau. Inútil. Doença. Lepra. Comédia. Horrorosidade. Ameba. Bisonho.

Diogo joga o fino.

Quando chegam do campinho, idênticos, até as bicicletas iguais, o pai sempre sabe quem é quem. Como sabe?

— Tudo certo na pelada?

Diego é esturpício. Jaburu. Jaburu de capote. Jaburu de capote com muleta. Jacu baleado.

Diogo, eita moleque!

— Assim não dá! A gente passa a bola pra um achando que é o outro e se ferra.

Diego corre de ódio, pedala forte, voa ladeira abaixo e freia na poeira a um palmo do cruzamento cheio de caminhões zunindo. Diogo atrás, eufórico. Chegam sempre juntos.

— Tudo certo na pelada?

Enguiçado. Incapaz. Praga. Prego. Poste. Morto-vivo. Furúnculo. Tumor.

Hahaha, joga muito!

Com gilete, cuidado, culpa, sorrisinho, coração batendo forte: fio por fio, descasca o cabo de freio da bicicleta. Ficam uns poucos filamentos. O primeiro tranco e babau.

Degenerado. Imprestável. Retardado. Aborto. Aleijão. Ruindade.

No dia seguinte Diego chega em casa sozinho, chorando, e o pai se apavora. O choro não tem nada de encenado. A ideia era uma perna quebrada, não aquilo.

Todo errado. Cruz-credo. Deus me livre. Ruindade. Ruindade. Ruindade.

**Dirce Waltrick do Amarante** | É professora da Universidade Federal de Santa Catarina, ensaísta e tradutora.

### *o novo cinema nacional*

*Para o Sérgio*

**M**ostrou o roteiro ao companheiro, era o roteiro de um filme gótico à moda dos romances de Shirley Jackson.

O companheiro, acostumado com Pasolini e Godard, ficou em choque ao ler o que a companheira havia escrito. Havia enredo! Erro fatal!

A companheira tentou explicar que muita coisa muda do papel para a tela. Além disso, as cenas, que pareceriam a princípio serem bastante simples, poderiam se tornar complexas e repetitivas, como quando a personagem toma banho e ouve uma briga. “O diretor pode filmar só a água escorrendo do chuveiro”. O companheiro seguiu incrédulo. Ela então completou: “E por cinco minutos... só a água escorrendo”. Mas o companheiro seguia em choque. “Por 15 minutos”, prosseguiu a roteirista. O companheiro esboçou uma leve reação.

Depois de algum tempo de conversa e muitas reflexões estéticas, o roteiro ganhou corpo e o diretor ideal.

Durante 90 minutos a câmera parada filmou a água escorrendo do chuveiro, a qual mudava de cor conforme os raios solares incidiam nela. As cores foram do vermelho rosado ao azul e o filme foi intitulado “As cores de Yves Klein”.

**Fred Di Giacomo** | Escritor e jornalista multimídia, caipira punk, nascido e criado em Penápolis, sertão paulista. Seu romance de estreia *Desamparo* (Editora Reformatório, 2018) esteve finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2019. Quando dava aulas de jornalismo para jovens de periferia na Énois, coordenou e editou o Prato Firmeza: guia gastronômico das quebradas de SP, finalista do Prêmio Jabuti 2017. Tem sido convidado para debater literatura e narrativas multimídia em eventos como a Primavera Literária Brasileira, em Paris, a Feira do Livro de Frankfurt e a Campus Party. Toca contrabaixo e rabisca versos na Bedibê.

## ypy

**Ypy** (tupi-guarani): Primeiro, começo, origem.

*“E Ele disse: Pega agora o teu filho, o teu único, a quem amas, Isaac, e vai à terra de Moriá. E lá o oferece em holocausto em uma das montanhas que eu indicarei.”* (Gênesis, Capítulo 22, versículo 2)

**N**inguém contará os anos desprendidos até ali. Não importa. Mirem-se na silhueta cinza aproximando-se contra a luz. A figura que caminha em nossa direção é a do velho pai. A brancura de sua barba já não pode ser disfarçada; suas costas curvam-se sutilmente e os olhos traem a percepção. Ele não sabe, mas está prestes a iniciar nossa saga.

No tempo que observamos agora, o senhor (vamos chamá-lo alegoricamente de Rupave) tinha cinco filhos. Dois haviam saído de casa e habitavam as matas dos tapuy-ú. Um terceiro, casado, fizera sua roça na região dos grandes morros. Os mais novos acabavam de ser convocados, numa estrondosa explosão paterna, a adentrar, um de cada vez, a sala principal da ampla oca. Naquele vagaroso dia de verão, a natureza ignorava a agitação humana. Cada folha despencando das árvores esperava uma eternidade para alcançar o solo. Os gritos desesperados do filho de dentro aterrorizavam o filho de fora. Com voz firme, Rupave chamou o segundo:

— Vinde, semente minha, não hesites em obedecer-me.



Tumé Arandú engoliu em seco e entrou. O cômodo escuro estava iluminado por aromáticas fogueiras de ervas que disfarçavam o cheiro de sangue fresco. Japeusá, encolhido num canto empoeirado, chorava baixinho. Tumé Arandú não percebera, mas, assim como sucederia com ele minutos depois, o pé de Japeusá tinha sido esmigalhado.

O canto ingênuo dos pássaros não combina com o choro pesado dessa mulher que vocês enxergam no interior da cabana. Ela acaba de descobrir a tragédia que tatuou suas crias. O nome com que os pais da matriarca batizaram-na foi Sypave. Seus filhos estão aleijados e tentam adaptar-se à dolorosa condição. Rupave parece ter rejuvenescido anos. Sai sempre na frente da prole: para trabalhar a roça, para rastrear as antas, para roubar o mel das abelhas e para caçar o tempo perdido. Tumé Arandú e Japeusá esforçam-se para acompanhá-lo. É-lhes indecifrável o súbito acesso de violência paterna. Por que Rupave emergira em crueldade naquele dia banal? Ainda nos é desconhecida a resposta. Por mais que o pai gritasse, ralhasse e humilhasse as crias, nunca mais encostaria as mãos em Tumé Arandú ou Japeusá. Suas próximas vítimas habitam dias futuros. Rejuvenescido, o patriarca procura Sypave todas as noites para espalhar suas sementes. O desejo transborda do corpo e faz com que ele namore bananeiras, jacus e esposas maduras. Nunca mulheres virgens, nem jovens, nem solteiras. Não quer filhos de outros ventres, e do ventre de sua mulher só saem rebentos marcados. Ao acordarem para a vida, os pequenos têm o pé esquerdo estraçalhado. São já sete aleijados em idades diversas e, por mais branca que sua comprida barba fique, Rupave sente-se forte como nunca. Carrega toras de madeira nos ombros, cavalga onças selvagens, enfrenta serpentes sorradeiras e faz-se temido por todos os pequenos deformados. Nunca foi violento com nenhum depois de tê-los “batizado”. Esse batismo ocorre assim: cada criança parida por Sypave é arrancada, ainda aos berros, pelo pai, que esmaga o pequeno e rosado pé com um tacape dourado. Herança paterna assegurada, o cordão umbilical continua inteiriço, até que a mãe tenha forças para rompê-lo. O nome do descendente é dado antes da aplicação do castigo preventivo.

Dias correm sem que se faça importante descrevê-los. Por todo o inverno nenhum viajante se aproximou da oca. Depois de vasta solidão, a primeira conhecida a visitar a família foi a Tragédia. Era tempo de plantar sementes e germinava no ventre materno o pequenino Porâsý. Porâsý nascera anêmico, torto dos ossos e com membros atrofiados. Seu choro era um fiapo, um discreto miado que pouco se ouvia. Prevendo o pior, Sypave, que tivera as forças sequestradas pelo parto, balbuciou misericórdia:

— Por favor, meu marido, por favor, meu senhor... Este, não. O pequeno não vai aguentar. Seu corpo é tão carente... Um golpe do tacape vai levá-lo para sempre... Pelo nosso amor, eu lhe imploro...

Rupave contempla a triste figura profundamente. O pequenino não parece grande ameaça, mas quem conhece os caminhos que o futuro reserva para Porâsý? E, se hesitasse, o que pensariam de sua fraqueza as demais crianças? Perceberiam-no débil? Reconheceriam-no senil? Não podia confiar no acaso. Firme, mas com coração pesaroso, esmigalha a perninha de Porâsý. O enterro da criança se dá no mesmo dia.

A mágoa de Sypave faz com que ela se negue a deitar-se novamente com o marido. Nem a privação de comida, nem as surras e castigos convencem a esposa a voltar para o leito do patriarca. Em um lampejo de violência, Rupave recorre à autoridade de seus músculos, mas desiste quando encontra, nos olhos da amada, o ódio amaldiçoador das mulheres seviciadas. O que Sypave espera dele? Não pode mais abrir mão de seu ritual. Sem ele, perderia o segredo da sua juventude, e os pequenos diabinhos reinariam sobre o casal original, saltitando léguas a sua frente, tomando conta da casa e conhecendo terras e pessoas com as quais os dois jamais poderiam sonhar. Não, nada feito; o mundo não deve insistir em rodar.

— Eu preciso da vida dos meus filhos, Rupave. Quero que eles tenham sua existência garantida, mesmo que aleijada. Não quero enterrar, nunca mais, um pedaço meu.

Nos primeiros suspiros da madrugada aurora, Rupave sai em direção à pradaria, sozinho e pensativo. Lá, medita à base de ervas e água do orvalho. No sétimo dia, pode retornar a casa iluminado. Os filhos terão sete anos para ficar fortes e nutridos — e então se

tornarão homens completos. Tirando o excesso de alegria dos olhos daqueles demônios, Rupave espera prepará-los para o fardo da vida real. E evita que andem por caminhos que suas pegadas não tenham marcado ainda.

O pai já cruzava a faixa dos 70 anos quando desposou Caupé, jovem viúva de seu filho Marangatu. Marangatu era estéril e morrera sem deixar descendentes. Fazia parte da tradição que o irmão mais velho desposasse a viúva e garantisse sucessores para o morto. Mas reparem em Caupé; sintam o cheiro de mel vindo do seu corpo, percebam a pele sedosa feita de pêssego, os seios firmes como seu caráter e o negro da noite represado em seus olhos. Caupé brilhava, sim; brilhava e irradiava juventude. Isso era o suficiente para que Rupave a tomasse como mulher, alterando o código dos antigos. Agora o mais velho da família deveria desposar as viúvas, contanto que suas sementes ainda fossem férteis. Corria, pelas redondezas, o boato de que Rupave já não podia efetivar sua descendência. Sypave não lhe dava filhos havia três anos. Fiel, a mulher havia gerado, em seus 60 anos de vida, 27 rebentos para Rupave — 22 aleijados, dois mortos e três, os mais velhos, exilados pelo medo do castigo paterno. As mágoas e os anos vividos faziam-na sentir o ventre endurecendo. Os sangramentos já não vinham visitá-la e o viço abandonara sua pele ao apetite faminto das rugas.

No céu escuro, a lua esconde-se, solidária ao sofrimento daquelas mulheres. Dentro da cabana, Rupave conduz Caupé pelo braço. A jovem vermelha tem os cabelos enfeitados com uma coroa de flores brancas. Uma saia de palha e um cinto de tucum tomam emprestada a beleza de seu corpo, que treme de medo. Rupave ordenou a Sypave que fosse dormir em rede distante, com os filhos mais novos; poderia retomar seu lugar na segunda-feira. Agora os finais de semana ficam guardados para Caupé. Acabado o domingo, a anciã deve trocar os lençóis manchados de amor e voltar ao posto de matriarca. Com os olhos umidamente salgados, a companheira de Rupave assente calada. Não pode olhar no rosto da antiga nora quando a vê passar em direção à rede do marido. Sente um misto de humilhação, inveja e pena. Cerra a porta do quarto e não consegue

dormir a noite toda, atormentada pelos gemidos regozijantes do velho jaguar que reencontrara, no final da vida, o prazer pela caça.

São necessários três meses desse novo ritual para que Caupé se encontre prenhe. De seu ventre, fecundado pela seiva do grande pai, floresce o descendente do morto Marangatu. Chamam-no Tupãberaba e sua chegada é anunciada por um estridente cantar de pássaros, aparentemente animados com o radiante céu que firma-se, ironicamente, sobre a tragédia.

Tupãberaba não foi criado como o restante da prole de Rupave. Seus privilégios brotam do ódio que Caupé carrega por submeter seu filho às regras estabelecidas pelo ex-sogro. Casara-se com Marangatu livre de tais obrigações. Agora angustia-se, procurando saídas para mudar o destino da criança. De seu charme e cheiro suave fez uso para convencer o amante de que Tupãberaba seria um ano e meio mais novo. Assim pôde adiar a data do castigo. Tantos partos seguidos naquela casa e a idade avançada do ancião ajudaram na sustentação da farsa.

O caçula da tribo tem olhos vermelhos, cabelos brancos grossos e pele esbranquiçada. Más línguas dizem que o menino lembra um pequeno macaco albino. É, porém, extremamente astuto e aprende com rapidez. Cantando, ajudando nas tarefas domésticas e pedindo conselhos procura agradar o velho pai. Seus irmãos invejam-no, mas optam por não entregar a verdadeira idade de Tupãberaba. Além da lealdade fraternal, sonham que ele liberte os demais da tirania instalada. Talvez repouse em suas pequenas mãos a salvação de toda aquela gente.

Num anoitecer qualquer, enquanto brinca no quarto, Tupãberaba escuta Rupave sussurrando com Sypave.

— Sypave, feições de homem têm se fixado nas formas juvenis de Tupãberaba. Não adianta a bela Caupé insistir na ladainha de que o garoto vive os seis anos de idade. É tempo de apresentá-lo a meu tacape.

— Rupave, meu marido, tens deixado a jovem Caupé assumir o controle de tuas ideias. De que adianta tu seres a cabeça, se ela é o pescoço que decide para onde vais olhar? Nenhum de nossos filhos teve os mimos dos quais esse mico branco goza.

— Tuas palavras foram embebidas no ciúme, mulher. Não seas tão áspera com Caupé! Tu invejas sua beleza e os finais de semana que ela passa em nossa rede.

— Compreendo que eu não possa mais ser o jardim onde florescem tuas sementes, Rupave, mas não queria que tu te lambuzasses com ela em nossa rede...

— Pares de resmungar, velha esposa. Poupa-me de tuas lamúrias e vá apanhar meu tacape!

Desesperado, o pequeno Tupãberaba procura uma escapatória que modifique seu destino. Seus olhos ziguzagueiam, ligeiros, por todos os cantos da oca até estancarem na saída. É através dessa abertura rústica que ele avista o grande penhasco. Sua face ilumina-se.

Sorridente, o menino convoca o patriarca para correr com ele até o desfiladeiro. Carinhosamente trepa em suas costas largas e cobre a velha calva de beijos. Caupé olha para os dois e sorri esperança, desejando que o carcomido coração de Rupave amoleça. Rupave inveja a velocidade com que Tupãberaba pisa a relva verde. O pequeno risco vermelho dispara diante da íris cansada daquele homem velho que aleija os próprios filhos. Verde, vermelho. Verde, vermelho. Verde, vermelho. O Tupãberaba infantil rola na grama camuflando-se na pradaria. De repente, desaparece. Rupave estanca e coça a barba. Um gemido alto vindo lá de baixo faz com que corra até o limite do penhasco. Um frágil risco vermelho agoniza no solo.

— Pai, tu que me deste a vida, acode-me, por favor. Não posso mais sentir as pernas.

Os dias passam na cama para Tupãberaba. De lá, ele vigia a janela, as queixadas e o pai. Os irmãos solidários visitam-lhe o leito, mas alegram-se por dentro: “Tupãberaba achava que escaparia do castigo; agora, no lugar de uma perna, perdeu as duas”. Caupé culparse silenciosamente e morre em segredo. O destino havia perseguido sua pobre criança e a punido em dobro. Rupave sente-se aliviado. Prefere quando a natureza age como sua aliada.

Secretamente, Tupãberaba planeja fuga. Havia simulado o acidente para ganhar tempo. Em raras madrugadas, testa os pés em corridas pelas pradarias escuras, mas prefere não arriscar-se.

Teme que as estrelas o denunciem. Aproveita-se da situação de vítima: anda de cavalinho nas costas dos irmãos pernetas, rouba nacos de carne do prato do pai e inferniza a velha Sypave com manhas e choradeiras. Só teme pela saúde da mãe. Sabe que ela suicida-se diariamente, angustiada pelo sofrimento do filho, e isso o impede de manter aquela farsa eternamente.

Numa noite sem lua, foge para parte alguma.

O que irritava Tupãberaba é que seu corpo insistia em não crescer. Já rodava pelo nada havia um extenso tempo. Tinha espalhado roças de mandioca pelas redondezas, tornado-se amigo dos bugios que enchiam o vazio da floresta de berros e procurado seus irmãos mais velhos entre os tapuy-ú. Calculava que haviam corrido cinco aniversários seus. Devia ter, então, dezesseis anos. Nenhum pelo cobria suas partes ou sua face. Nenhum centímetro seu corpo esticava ao longo de toda a viagem. Temia que a dieta pobre e as privações o tivessem retardado, mas não fazia sentido. Lembrava que os irmãos aleijados também não haviam progredido muito. Os esmagados logo ao nascer pareciam, todos, velhos anões — pequenos e impotentes. Os castigados depois dos sete anos eram gordos e flácidos, com traços femininos e pouca fibra a modelar os músculos. Marangatu fazia parte dessa leva e não conseguira implantar um filho sequer na jovem Caupé. Apreensivo, Tupãberaba pensou muito à beira de um rio, sozinho, em terras estrangeiras. Haveria de rodar incompleto por todo canto, caso não convencesse o centenário Rupave a libertar seus filhos. Sem muita convicção, seguiu mais de um ano em travessia que o levaria de volta para casa.

Era costume da gente de Rupave refletir olhando para o rio, mas o patriarca não fazia mais isso com medo de reconhecer sua velhice refletida nas águas. De volta à tribo, Tupãberaba passou bom tempo observando a família a distância, até que tivesse uma oportunidade de convencer o pai de que os filhos precisavam andar completos.

Estamos agora numa tarde tristemente temperada. Pressinto que o final do mito que narro se aproxima. Rupave, observado por Tupãberaba, lamenta-se de costas para o rio. Choramanga a morte de

Caupé, falecida há um ano de saudades do filho. As lamúrias de Rupave machucam as forças de Tupãberaba. Achava que poderia viver próximo à mãe, mas descobre-se órfão. Entra nas águas e nada até o pai. O barulho do mergulho seco chama a atenção do velho carrasco que, distraidamente, olha para o rio. Alegria-se ao reconhecer seu rosto tão jovem no reflexo. “A boa Caupé deve estar orando por mim no paraíso: veja como minha face mantém-se rija com o passar do tempo”. A imagem de Tupãberaba sob as águas alimenta a vaidade patriarcal. Subitamente, o filho puxa a cabeça de Rupave em direção ao rio. Surpreendido, o homem deixa-se arrastar. Tupãberaba queria apenas vingar a mãe e os irmãos, afogando o algoz ancestral, mas se choca ao perceber que, naquele momento, pela primeira vez em sua história, abraça o velho pai. Os dois corpos de homem se entrelaçam e, num paternal movimento, misturam as gerações.

Nunca poderemos saber se pai aninhava filho ou se filho aninhava pai. Choravam tanto que suas lágrimas abundantes poderiam fazer o rio transbordar-se em mar.

O dia se acabava num céu amplo e alaranjado que aos poucos se apagava — escuro. Das águas lodacentas da tristeza, levantou-se o primeiro homem inteiro a enxergar aqueles tempos novos.

| uma primeira versão de “Ypy” foi publicada no livro *Canções para ninar adultos* (Editora Patuá, 2012) sob o título de “Gênesis”. |

**Mário Sérgio Baggio** | Jornalista, morador de São Paulo — Capital, atua como Redator freelancer produzindo conteúdo para websites, blogs e redes sociais. É dono do blog [Homem de Palavra](#).

### *nanete em dó maior*

**A**lguém cantava longe dali, era um homem, e a voz chegava abafada. A mulher apurou os ouvidos, queria escutar, a música trazia alívio. Estava sozinha no barraco com três crianças, o mais velho ardendo em febre. Quando acreditava ouvir barulho de carro ou de pata de cavalo se aproximando, corria para a porta, os olhos ansiosos. Procurava e não via ninguém. Voltava então para o quarto — que também era sala e cozinha, o banheiro ficava fora — e se jogava na cadeira, numa espécie de inconsciência em que o tempo não passava e, quando passava, só aumentava sua ansiedade.

O barraco era o retrato da miséria, tão sujo e velho, tão nada. A vida ali dentro era vivida entre terra e fuligem. Virava barro quando chovia e tornava-se quase inabitável não fosse a teimosia em permanecer ali. Ela sabia que não poderia sair, não tinha outro lugar para ir com os filhos. Havia um marido, que trabalhava longe e só de vez em quando voltava para casa. As gêmeas, Joana e Catarina, se distraíam no chão com bonequinhas encardidas de pano. Geraldinho, o mais velho, gemia baixinho em cima da única cama. Não reclamava, só pedia água o tempo todo, a garganta em brasa.

Pensou ouvir vozes e correu até a porta, talvez fosse alguém chegando, mas não era. Geraldinho chamou por ela *Mãe, não era o papai?* Ela levou um copo d'água *Não, seu pai vem outro dia. Não era ninguém.* Pôs a mão na testa do menino, a febre ainda lá. *Eu vi ele, mãe, tava aqui e me trouxe um presente.* A mãe não respondeu, fez que não ouviu. Sentou-se na cama, arriou como arriam os troncos velhos que apodrecem por dentro e um dia caem sem que se espere. Precisava dar um remédio ao menino, mas como? Por onde andava o marido ela não sabia, mas

seguramente devia estar trabalhando, era obrigação do homem que tinha mulher e três filhos, e ela ali pensando no que fazer, e o menino doente, e as meninas daqui a pouco vão pedir



alguma coisa para comer, e ela vai dar o quê? Não quer que o marido volte e encontre gente morta naquele barraco miserável. A voz do cantor ainda chegava até lá, a mulher ouvia de olhos fechados.

Um carro passou ali perto e parou. Ela foi ver. Alguém veio subindo. Primeiro viu um chapéu, depois uns ombros, logo um homem inteiro veio se aproximando devagar. Ela esticou as narinas para receber mais ar, o coração aos pulos. Seu primeiro impulso foi entrar e fechar a porta, mas não fez, ficou parada, olhando, esperando.

*É aqui que mora o Teodoro? Ele está? Tenho um serviço pra ele, o vozeirão soou e ele nem estava tão perto dela ainda. A poucos passos, ela olhou nos olhos do desconhecido e respondeu, envergonhada, Tá fora, trabalhando, volta semana que vem, acho. O homem parou Que pena! e olhou com mais atenção para a mulher. Ela sentiu, mais que compreendeu, que naquele que pena!, junto com o olhar, havia outro significado escondido.*

*Quando ele voltar, diga que Baltazar esteve aqui procurando por ele. Fale que tenho um serviço, o homem falou e continuou parado, olhando para ela. Não fez menção de ir embora e enfim tirou a mulher daquela agonia, daquela situação incômoda. Ficou ali, parado, os braços imóveis, só o olhar parecia ter vida. Sem saber direito o que fazia, a mulher estendeu as duas mãos e, em súplica, abriu a boca e falou Me dê alguma coisa, por favor, um troco qualquer, uma nota, uma moeda, qualquer coisa.*

O desconhecido a mediu inteira com os olhos. Era uma mulher magra e desnutrida mas ainda assim bonita, apesar da pele castigada. *Como é seu nome, criatura?*, o vozeirão a sacudiu. *Nanete, voz débil. Ernestina, mas me chamam de Nanete.* E continuou: *Um trocado, meu filho tem febre, preciso comprar remédio e alguma coisa pra comer, tenho duas gêmeas também, logo vão pedir comida e eu não sei o que fazer, o dinheiro que o Teodoro deixou já foi*, ela chegou ao fim da frase sem respirar. E finalizou: *Eu dou, se o senhor quiser.* Quis morrer por dentro, Teodoro não a ouvisse assim, biscate, pensando em sujeira numa hora daquelas. Baltazar ouviu, fez silêncio e depois sorriu de leve, *Dá, é? Ela, rápida, Dou.* Tinha música no ar, o homem

olhou ao redor para descobrir de onde é que vinha. *É algum cantor que mora aí na vizinhança*, ela se apressou em esclarecer.

Nanete saiu da porta e deu passagem para o homem, que entrou e olhou em volta. Viu o menino dormindo sobre a cama, o corpo franzino e a cara vermelha de febre. Sorriu de leve quando olhou para as gêmeas brincando no chão. Fez cara de nojo quando volteou o olhar para o teto e as paredes do barraco. *Não quero comer, não tenho tempo, mas uma gozada agora não vai mal*, disse o muito cafajeste. *Chupa?* Ela: *Chupo*. Ele: *Engole?* Ela: *Engulo*, e cobriu o rosto com as mãos para que as lágrimas não descessem. Ele abriu o cinturão e abaixou a calça, ela indicou *Ali, atrás do fogareiro*. Ela se ajoelhou e sentiu o cheiro de mijo que vinha do membro a dois centímetros de seu rosto. *Fique de costas pra lá, não deixe que as meninas vejam, não faça barulho para não acordar o menino*, ela pediu, antes de fechar os olhos e abrir a boca. Ele puxou a cabeça dela contra si e mexeu os quadris. Gozou. *Abra a boca, quero ver se engoliu mesmo*. Ela

obedeceu. *Bom*, disse ele subindo a calça e ajustando o cinturão, *fala pro Teodoro me procurar*. Deu o dinheiro a ela e saiu.

Geraldinho chamou *Mãe, era o papai?* Ela tapou a boca para responder, o menino não a visse cuspidando nem sentisse o cheiro insuportável do esperma, *Não, seu pai vem depois, mais tarde, outro dia. Vou sair e comprar um remédio pra você e um pouco de comida, aguenta ficar aí sozinho e cuidar das gêmeas? Vou num pé e volto noutro, é um instantinho só*. Prendeu os cabelos, jogou uma blusa surrada nos ombros e saiu apressada. Numa das mãos, bem apertadas, as notas que o sujeito tinha dado. Na cabeça, o pensamento claro *Não é dinheiro sujo, não me arrependo, é pras crianças*.

Já na rua, passos apressados, quase correndo, ouviu a música com mais nitidez. O cantor caprichava no Dó de peito.

**Antônio LaCarne** | É cearense, autor de *Salão Chinês* (Editora Patuá, 2014), *Todos os poemas são loucos* (Gueto Editorial, 2017) e *Exercícios de fixação* (AR Publisher, 2018). Tem poemas publicados na Colômbia, Alemanha e Grécia.

### *as batatas*

Dentro de um depósito de plástico sobre a pia da cozinha estão três batatas cozidas e descascadas — para que você as coma antes de fechar a porta para sempre e não atender às minhas súplicas. Deixei molho na geladeira. Peço então que não mande mensagens ou que me informe, didaticamente, que sou uma pessoa maravilhosa e que mereço alguém à minha altura. São bobagens terríveis que ninguém precisa trazer à tona. Meus ouvidos é que merecem ser poupados. Por favor, lave o depósito e os talheres. Não esqueça de fechar bem a torneira, é preciso observá-la por alguns segundos para ter certeza. Inclusive eu poderia ter envenenado as batatas. Pela tua distração de escorpiano, só encontraria o bilhete ao vomitar pela primeira vez, desconfiado de que fui maquiavélica o suficiente, demoníaca, satânica. Você sempre foi impressionável, fuçando as minhas coisas, esmiuçando as anotações escondidas nas caixas. É bem típico dos teus erros não descobrir informações práticas. Acusou-me de feitiçaria ao encontrar o livro sob o travesseiro, como se a literatura não fosse um dos meus maiores prazeres. Não tomou o vinho que comprei e que escolhi atentíssima, manteve o tom irritado durante o jantar, tocando no mesmo assunto, fazendo-me prometer que eu não mexia com qualquer meio obscuro de alcançar os desejos. Se por acaso as pesquisas e os rituais me trouxessem verdades, teria nas mãos a certeza de que você foi a pessoa errada. Teria me poupado o trabalho de me desfazer do veneno, de jogá-lo no ralo, e de descascar as três batatas que você saboreia com o meu sangue; pois nunca fui muito boa em manusear facas.

**Márcia Barbieri** | Nasceu em Indaiatuba, São Paulo, em 1979. Formou-se em Letras pela Unesp e é mestra em Filosofia pela Unifesp. Participou de várias antologias e tem textos nas principais revistas literárias brasileiras. Foi uma das idealizadoras do Coletivo Púcaro, do canal Pílulas Contemporâneas e do projeto Pinot Noir Literatura. Publicou os livros de contos *Anéis de Saturno* (edição independente, 2009), *As mãos mirradas de Deus* (Editora Multifoco, 2011) e *O exílio do eu ou a revolução das coisas mortas* (Appaloosa Books, 2018). Entre os romances figuram *Mosaico de rancores* (Terracota Editora, 2013) lançado no Brasil e na Alemanha (Clandestino Publikationen, 2016), *A Puta* (Terracota Editora, 2014) e *O enterro do lobo branco* (Editora Patuá, 2017), finalista como melhor romance de 2017 pelo Prêmio São Paulo de Literatura 2018.

### *a escritora suicida*

Espero que o fato de uma morta voltar para narrar o resto de sua história não os assustem, não há motivo para espanto, não há qualquer tentativa ou indício de originalidade neste fato, Brás Cubas fez isso e ninguém o recriminou, achei que seria de bom tom usar do mesmo artifício, já que em carne, osso e palavras minha vida fora toda dedicada a narrar as tragédias alheias, por que temeria contar minha própria desgraça?

Confesso que minha vida poderia ter sido muito, muito melhor, no entanto, escolhi a via tortuosa da literatura e não foi por falta de aviso ou por ignorância bibliográfica, já tinha lido centenas de escritores, cuja biografia descrevia homicídios, prostituição, alcoolismo, morte súbita, suicídio e uma conta bancária risível. Não acreditei em nada disso, nunca matei com minhas próprias mãos, bebi tudo que pude, entornei garrafas e mais garrafas, fiz sexo descompromissado, verdade que nunca cobreí por uma chupada, bem, minha conta bancária sempre fez jus ao meu papel de escritora marginal.

Apesar das evidências pouco favoráveis, nada me tirou da cabeça que ficaria para história e tive isso confirmado em um sonho

com o meu avô defunto, ele confirmou a minha sina, parece que nasci mesmo com a bunda virada para Lua, nada me dissuadiu da ideia de ser uma grande escritora e entrar para os anais da Literatura mundial, com direito a pompas e prêmio Nobel, claro que faria como Cortázar, não aceitaria o prêmio e daria um salto ainda maior na minha imortalidade.

Pouco escutei os conselhos de amigos ou escritores caquéticos e fracassados, digo, senhores escritores de idade um tanto quanto avançada, eles viviam tentando me convencer da sandice da minha ideia, se davam como exemplos, explicavam com detalhes tudo que deixaram para trás para seguir essa dama ingrata. Porém, via aquilo como puro despeito, provavelmente não queriam ver uma mulher prosperar. Vocês sabem como são as coisas, é um homem ver uma mulher crescer e logo quer cortar o mal pela raiz, morrem de medo que suas esposas sigam o mesmo exemplo. Não dei corda e também não dei outra coisa, eles já não se interessavam pelos prazeres da carne, o que realmente é uma pena, meus maiores favores consegui através de uma boa abertura de pernas e isso mesmo sem saber um passo sequer de dança.

Deixei uma carta mais parecida com um bilhete, não achei conveniente explicar em detalhes o motivo do meu suicídio, uma escritora é escritora até o fim, eu precisava dar margens para que a história tomasse forma na boca do povo, explicar demais estragaria a minha fama e quando morri ainda não tinha galgado o posto de maior escritora da literatura mundial, portanto, essa era a minha última chance, não poderia desperdiçá-la.

Não pensem que tirei minha própria vida em vão, por loucura, paixão ou desespero. Tive tantas paixões que se me matasse cada vez que me apaixonasse não sopraria morte para o fim. Quanto à loucura e ao desespero estive a vida inteira acompanhada por eles, eram totalmente inofensivos. A minha morte foi milimetricamente calculada e totalmente dedicada à literatura. Eu sei que muitos acharão um despautério sem tamanho tirar a própria vida em nome da arte. Contudo, o que somos nós sem a Arte? Reles animais desprovidos de rabo. Não me julguem, vi muita gente se matar por paixão não correspondida ou por fome passageira, guardem suas indignações para estes. A minha causa foi nobre. Finalmente sairei

desse mundinho mesquinho e entrarei nas páginas dos livros, ou melhor, daqui alguns anos ninguém se lembrará do meu rosto, mas terão na boca todas as minhas histórias. E elas passarão de geração a geração e terei cumprido fielmente meu destino.

Já me expliquei além do necessário, agora vamos ao que interessa. Morri faz sete dias, como sabem, normalmente fazem missas para a morta no sétimo dia, comigo foi diferente, afinal, sou uma grande escritora, então, resolveram fazer uma homenagem em uma livraria esnobe, em um bairro rico da cidade. Vocês sabem, para ser considerado uma escritora de primeira é preciso ser comunista e comemorar em um café que sirva champanhe francesa. De qualquer forma, morta não paga, mas também não bebe, embora posso fingir pegar a taça e levar aos lábios vaporosos. Se soubesse que morrer era essa facilidade teria me matado antes, evitaria minha preocupação constante em como quitar o aluguel e o medo da água e da luz serem cortadas. Sem carne é uma beleza, ficamos vagando e não pagamos por nada, agora entendo porque ninguém divulga sobre o morrer, não haveria um ser vivo sobre a terra.

Bem, mas não estou aqui por isso, quero me prestigiar e provar para todos vocês que a minha ideia foi genial. Vejam, olha só, a livraria está lotada, nem eu sabia que tinha tantos fãs, decerto a maioria consegui depois da morte, porque em vida raramente vendia mais que dez exemplares e metade eram vendidos para homens que tinham a intenção de trepar comigo, e a outra metade para os que já tinham trepado e queriam repetir. Estou realmente impressionada com a quantidade de gente! Gente de todas as idades! Eu tinha certeza que o meu suicídio funcionaria, mas confesso que imaginava que levaria mais algum tempo. Estou rindo aqui só lembrando daqueles parentes e amigos infernais, com risinhos no canto da boca quando eu dizia que seria uma escritora lida no mundo inteiro, estou vendo a cara deles de arrependidos por terem doado os meus exemplares para as bibliotecas do bairro. Já estou vendo os milhares de exemplares que tenho empilhados em casa sendo disputados a tapa, no estilo de venda daquelas lojas de eletrodomésticos que fazem promoção no final do ano. Como é bom o sucesso!!!! Isso é para os idiotas que não acreditavam no meu trabalho, para os que

me chamavam de putazinha metida a intelectual. Quem é a puta agora?

Nossa, olha só aqueles dois, um deles está com o meu livro na mão, eu o conheço, o rosto não é estranho, não lembro se já... Ah, acabo de me lembrar, nunca tive nada com ele, só mandei alguns nudes inofensivos, fiquei com pena do coitado, tão feio, não devia ser muito fácil arranjar sexo, então, me compadeci e enviei umas fotos para ajudar na punheta.

Vou encostar neles, nem acredito que poderei fazer isso!!!! Desde criança sonho com isso, ser invisível e poder escutar tudo que falam sobre mim:

— Pelo tanto de gente aí dentro ela deveria ser uma escritora e tanto!

— Que nada! Esse pessoal todo não veio por causa dela não, é um autor estrangeiro que está autografando lá dentro. Um dos ex-maridos da escritora doida é influente no *high society* e insistiu para que fosse feita uma homenagem à ex-mulher, nunca leu uma página do que ela escreveu, mas achou que devia isso a ela. O dono da livraria aceitou torcendo a cara, deixou uma mesinha escondida com os livros.

— Mas, vi que você está com o livro, então, deve gostar.

— Para te falar a verdade, o dono da livraria está empurrando os livros para os clientes, está dando de graça, com certeza não quer que fique ocupando espaço no estoque, ele sabe que não vai vender mesmo.

— Você acha também que é tão ruim assim?

— Não posso dizer nada, nunca li uma linha do que aquela ninfomaníaca escrevia!

— Sério?

— Claro! E duvido que tinha algum leitor sério, os homens acompanhavam seu perfil apenas para apreciar as fotos pornográficas que colocava por lá, costumava colocar uns textos junto, mas tenho certeza que ninguém tinha paciência pra ler.

— Que coisa! Começando a ficar com pena da defunta...

— Não fique! Teve cinco maridos e as más línguas comentam que saía com todos ao mesmo tempo depois do divórcio, dizem que se aproveitava dos coitados para conseguir favores literários.

— Pelo jeito não funcionou.

— Não mesmo! Gastava feito uma doida, parece que se endividou até o pescoço e os ex-maridos se recusaram a ajudar.

— Então, foi esse o motivo do suicídio?

— Pode ter certeza que foi, deixou um bilhete que não dizia lé com cré, a única palavra que dava para entender era Nobel e Cortázar, ninguém viu sentido naquilo, acho que ficou envergonhada de admitir que tirava a própria vida por causa de dívidas.

— E os livros? O que acontecerá com eles?

— O último ex-marido encontrou um quarto repleto de exemplares do livro novo e dos antigos. Mandou cremar junto com o corpo. Era mais fácil do que vender.



poesia

0

**Yuri Pires** | É recifense, professor de Literatura e escritor. Autor dos livros *Artifício* (Intermeios, 2016) e *A Pedra* (Lote 42, 2017), entre outros.

### *meu exílio*

Vivo exilado em mim,  
dos outros apartado,  
alegre de sozinho,  
malgrado triste  
de isolado.

Cada instante do fim  
interroga-me  
sobre o passado:  
muito amei, dói muito,  
embora seja mirrado;  
meu muito amor,  
por conseguinte,  
é pouco, ralo, minguido.

Pois somente posso,  
em mim, saber  
de fogo apagado.  
Nas cinzas pranteio  
saudades de chamas  
choradas em pressa  
por um fim adivinhado.

Sou, portanto, fraturado,  
(sereno e incendiário)  
por viver trancafiado,  
cabreiro, encabulado,  
no homem solitário,  
um menino exilado.

**Rodrigo Novaes de Almeida** | Escritor e editor. Fundador e editor-chefe da Revista Gueto e do selo Gueto Editorial, projetos de divulgação de literatura em língua portuguesa e celeiro de novos autores. É autor dos livros *Das pequenas corrupções cotidianas que nos levam à barbárie e outros contos* (Editora Patuá, 2018), finalista do Prêmio Jabuti 2019 na categoria Contos, e *A clareira e a cidade* (Poesia, Editora Urutau, no prelo), entre outros.

### *tocata e fuga funestas*

*Inspirado em TODESFUGE, de Paul Celan (1920-1970).*

Um pingado nós bebemos toda manhã  
e ao meio-dia e no fim da tarde.  
Nós comemos um pão na chapa  
e, quando conseguimos, um pastel ou um salgado.  
Levantamos as paredes das nossas casas  
e batemos laje.

O homem, ah! o homem  
brinca com seus cães de caça  
que não são como os nossos cães  
vadios.

O homem, ah!, o homem  
diverte-se com sua mulher,  
que tem lobo no nome, e faz leis  
para mandar nossa gente para a cova.

Um pingado nós bebemos toda manhã  
e ao meio-dia e no fim da tarde.  
O leite ralo e o pó de café sujo  
não são os mesmos da mesa  
do homem com a mulher  
que tem lobo no nome.

Ele ordena aos seus cães de caça:  
« Cavem fundo na terra.  
Vamos enterrar ossos. »  
O céu é cinza sobre o Brasil  
enquanto o homem faz leis  
para mandar nossa gente para a cova.

« Toquem o tambor da marcha marcial. »  
Ele exige.  
« Cantem ao deus que está acima de tudo.  
Matem, matem. »  
E assim é a dança,  
a dança de destruição e morte.

O céu é cinza sobre o Brasil.

Um pingado nós bebemos toda manhã  
e ao meio-dia e no fim da tarde.  
O ouro negro foi entregue para estrangeiros.  
A carne negra ficou para ser abatida.  
« Cavem fundo na terra.  
Extraíam o negro, enterrem o negro. »

O homem com a mulher que tem lobo no nome  
brinca com seus cães de caça e deseja.  
Destruição e morte  
são a pedagogia final do Brasil.

*São Paulo, 17 de outubro de 2019.*

**Nayara C. P. Valle** | Nasceu em Barra do Cuieté, Minas Gerais, um vale entre o rio e o mar. Formada em Letras-Português e pós-graduada em Jornalismo Cinematográfico. Funcionária pública, tia da Bel e feminista. *Esmeril* (Editora Urutau, 2019) é o seu livro de estreia.

### *candente*

Como um vento inesperado as janelas escancara  
anunciando a tempestade  
chegaste abrupto incendiando toda a Casa:  
queimando as luzes as fiações inteiras  
e instaurando um outro tempo —  
sem relato sem passagem sem ponteiro  
Guiado pela bússola dos intermináveis pesadelos  
a desorientar a rosa dos ventos:  
mãos do futuro encenando o lutuoso passado  
— este mármore profanado no meu peito frágil —  
Destruíste a imagem fossilizada de Deus  
e fundaste um novo Olimpo de carnes raríssimas  
e pesares abissais  
(os gritos vagam pelo firmamento  
enlaçando a terra de hinos cáusticos, libertos)  
Chegaste desnortando as horas e apontando  
estradas incorpóreas — desmarcadas de afeto  
cosidas por cascalhos afiados  
e cruéis  
Arrancaste das vísceras o mitigado vazio  
soletrando-o de silêncio e escaras amotinadas —  
murmúrio perfeito da avidez divina.

### *a trinca da porta estreita*

Sempre desconfiei  
na vida não teria guarida  
Minha mão nunca estendi  
a qualquer punhado de terra  
Ensinaram-me que não pertencço  
meu chão não é neste mundo  
há algo melhor me esperando  
do outro lado do limbo  
Sempre desconfiei  
amar a estadia na Terra  
tecendo tempo e memória  
no solo que nunca foi meu  
Proibido o riso, proibido o gozo  
Sonhar desbravando a sorte  
ato bárbaro e perigoso  
Entre o choro e a alegria  
fiz as malas e cruzei a estrada  
No olhar de contínua despedida  
permanece algo que assombra  
a voz obstinada e perversa:  
nada é seu, por que continua?  
Perambulo acumulando pedaços  
das coisas que imantam a morte  
do trabalho só tenho o asco  
do amor só tenho o nome  
a maioria é minha inimiga  
são linhas de frente os meus dias  
Desde que nasci, morro bem rapidamente  
mas a coragem do fuzil no peito  
é devagar o suficiente.

## *adeus à ilha*

Talvez seja o fato  
estar todo dia entre arquivos  
que me deu este hábito:  
sentir de antemão a seiva  
derramada dos galhos nas folhas  
banhando a cidade inteira  
Talvez seja a sorte  
morrer oito dias por hora  
na Justiça  
que anoiteceu minha escrita  
E agora sigo assim  
de lado, fugindo dos meios  
termos — delírios — de produção  
a desenhar paisagens inteiras  
em mim —  
colhidas dos dias cheios  
na Avenida central

Por tudo, talvez  
aceno o adeus diário ao arquivo  
— tão entristecido! —  
e esvazio o calor das cadeiras  
— sem solidão...  
Ignoro os papéis timbrados —  
na mesa copulam  
(outro tom, outra nota...)  
Recolho a morte e sigo  
morrendo bem longe da repartição

Meus olhos na rua escavam  
outros olhos outras mortes  
e vou rindo orgulhosa  
do dramático enterro — os dedos  
cumprimentam a fissura  
banhada do suor das mãos

Veze em quando surpreendo-me  
de haver amansado os gritos  
e da amargura ganhar o céu  
dentro de bolinhas de sabão.

### *casulo em chamus*

Por que caminhas  
com o olhar  
voltado pra trás, mulher?  
As paisagens sombrias  
são passagens secretas  
que terás de aprender  
O progresso embalado  
no papel de pão  
e anotado na caderneta  
de papel  
é um estatuto falido  
que ampara a angústia  
do futuro  
Contar as notas no final  
do mês  
é um exercício penoso  
que o mundo te impõe  
e que aceitas, resiliente  
alinhavada que estás  
no costume ordinário  
Te excedes  
em obtuso sentir  
Mitigas a fome  
num corpo qualquer  
Sacias a sede  
no copo sujo  
do bar da esquina  
Arrancas violenta  
o beijo molhado



de saliva ácida  
do homem que te olha  
teso e aflito  
— o sexo lateja  
no bolso da calça  
manchada de fluido  
de outras mulheres —  
Saciam-se apressados  
no beco escuro  
do ponto de ônibus  
Voltas pra casa  
tonta e faminta  
enquanto o sêmen  
escorre da calcinha  
— a parte molhada  
dolorida anseia  
o toque de veludo  
do ator de cinema —  
O buraco no estômago  
cada dia mais profundo  
perfura a razão  
em tropeços contínuos  
Obedeces ao mundo  
com tamanha devoção —  
o que ele te dará em troca  
quando for tua hora?  
A cesura dos dias  
que emendas obstinada  
serve de trapo  
achincalhado  
pra secar tuas lágrimas  
Andas meio morta  
pelas avenidas  
sem nada entender  
Olhas as placas  
os sinais estrangeiros:  
é proibido pertencer

Por que acordas, mulher?  
Emenda a teus sonos  
uns sonhos quaisquer:  
fantasia ser gente  
tem um querer  
sobe no viaduto  
podes o mundo beber  
atira-te na noite  
escura e enviesada  
queima-te no calor dos dias  
anuviados e impotentes:  
porque a coragem  
é a raiz mais forte  
que vinga o presente.

| poemas do livro *Esmeril* (Editora Urutau, 2019). |

**Fernando Maroja Silveira** | Nasceu em Belém do Pará e escreveu os livros *Cinzas* (Paka Tatu) e *O escravo do vazio* (Editora Penalux). Publicou nas revistas Zunai, Subversa, Mallarmargens e Caliban.

### **ponte Mirabeau**

*Para Paul Celan*

Senhor no fim do horizonte,  
Estamos nos dois extremos da ponte  
E vago na tua direção,  
Mas jamais chegarei ao teu lado,  
Se a diáspora é uma travessia sem fim,  
Na eterna marcha do Rio Sena  
Em busca da morada.

Apenas o curso do rio vai unir  
Tudo que o vento dispersa e a guerra destrói  
Nas trincheiras de areia e teias de aranha.  
Apenas as legiões do rio marcham  
No tempo da métrica  
E na hora do sempre e do nunca mais,  
Alcançando o eterno florescer.

Ó senhor,  
O curso do rio é uma lagarta que rasteja  
Dentro da métrica e fora do tempo,  
Chegando mais longe que o soldado  
A rastejar no front da guerra.

Ó senhor,  
Olho para o curso do rio e vejo,  
Além da minha imagem no espelho,  
As botas do meu pai  
E os cigarros da minha avó,  
A garrafa de vinho que meu tio bebia  
E levava debaixo do braço,  
Como se fosse o gato de estimação.

Vejo a correnteza levar os restos do caderno  
Que eu usava na escola.  
Vejo a infância em Czernowitz  
E o pente que arrumava o cabelo da minha mãe.

Senhor,  
Vejo no curso do rio toda a minha família,  
Vagando em busca da terra prometida.  
Eu saltarei dessa ponte  
E abraçarei e beijarei todos eles.

**Mônica Menezes** | Nasceu em Lagarto-SE e mora em Salvador. Professora de literatura brasileira do Instituto de Letras da UFBA, lançou em 2010, pela P55 Edições-BA, o volume de poemas *Estranhamentos*. Antes, em 2007, apareceu na revista EntreLivros uma coleção de poemas inéditos de sua autoria, sob o título “A poeta relutante”. Participou das coletâneas *Mulheres, Poetas & Baianas*, em 2018, pela Editora Caramurê, do livro virtual editado pela Voo Audiovisual, *Profundações 3*, e da revista *Organismo nº IX*, ambos em 2019.

### *eleição*

o anel, a flor, o poema  
tudo isso tão bonito  
contudo, o que ecoa mesmo  
no fundo mais fundo da alma  
são as palavras-lâmina da mãe  
sussurradas no quarto ao lado  
naquela madrugada de setembro  
elegendo-a  
para sempre  
a menina mais feia da casa

### *sobre o que dói*

o menino sírio encontrado morto na praia  
o olhar da moça vendendo paçoca no sinal  
a loucura do meu irmão  
a cicatriz atravessando meu ventre  
meu desatinado sim  
seu preempório não  
os livros há meses encaixotados  
minhas pernas bambas

o sol encandeando meus olhos  
quando tudo é noite

### ***biografema***

quando acerto na textura  
aroma e sabor  
do risoto de shimeji  
para o almoço de domingo

sou feliz

### ***salvação***

a poesia não me salva  
da bala do revólver  
nem do açodar do tempo  
que arruína o corpo

no entanto  
a poesia  
e somente ela  
me salva

### ***plenitude***

percerei de amor  
e em silêncio  
numa manhã chuvosa  
anotando um poema

grafarão em minha lápide:  
*viveu em chamas*

**Tito Leite** (Cícero Leilton) | Nasceu em Aurora-CE (1980). É autor do livro de poemas *Digitais do Caos* (Selo edith, 2016). É poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de ensino de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política, Ética, Filosofia da Ciência e da Tecnologia. É curador da revista gueto. Tem poemas publicados em revistas impressas e digitais. *Aurora de Cedro* (7letras, 2019) é o seu segundo livro.

### ***acaso***

Vejo a pomba da paz, no poeta  
por trás do colarinho óxido da carga  
horária de uma tarde. A substância  
da sua casa não cabe em grades.

Há sempre a espera de algo mágico  
que nos salve & nos congrace,  
uma navalha que corte os dedos  
de quem ligou o piloto automático.

Penso numa pessoa fora do lugar  
que no refino estrondoso  
do seu imo, busca no espelho a vida  
dos seus devaneios [o sonho entende  
a clareira de um rosto no espelho].

Há um operário de uma fábrica  
de cobalto que pensa numa canção  
de David Bowie e entre os ruídos  
do metrô, lembra-se que na planície  
alguém espera um disco voador.

### *tributo a Bloom*

É dito que  
todo poema  
é uma desleitura  
de outro  
e todo poeta  
quando chega  
já é tardio.

O tempo  
nunca me roubou  
nada:  
para o nome  
que me conflagra,  
cheguei tarde.

### *mutável*

O tempo é apressado  
e no escândalo  
da perenidade,  
o fruto das tuas mãos  
é roubado.

O sonho não se desgasta.  
Nos olhos de uma mulher  
incide lugares, dunas  
e o cheiro do mar.

Há coisas que não se pagam,  
Não tem preço  
a altura de um haikai,  
não tem preço  
a noite de ontem  
e a garota que não voltou



[ela queimou-se como  
se fosse sarça ardente].

Na solidão o vinho seco  
é uma figura de linguagem  
que delira como se fosse  
a palavra vulcão.

O que nos devora  
é a vontade de salvar  
a melhor parte.  
A vida como obra de arte  
é o círculo da eternidade  
que beija o transitório  
que passa.

**Taciana Oliveira** | É cineasta, coordena e publica na plataforma digital Mirada. Dirigiu *A Descoberta do Mundo*, um documentário sobre Clarice Lispector. Tem no prelo *Coisa Perdida*, livro de poemas.

### *mapa*

Minha avó, índia pataxó,  
desconhece minha geografia  
de estranhas ramificações;  
grão de quintais sem muros,  
filha de desertos e oceanos imaginários  
No corpo que vesti  
não criei assombrações  
inverno, tesouras e agulhas.  
Não se desata um nó  
que não se costura.

Mas ainda não nasci,  
estou na caixa.  
Sou verbo  
asma  
máquina de escrever  
partitura.

Se a noite é tão sem graça,  
sem afagos e amores incontidos  
A menina vem à porta  
e me desperta no abismo

### *a César o que é de César*

Arrisco-me a não glorificar a bosta  
— muito menos eternizá-la.

Não sou mais um a celebrar  
a unanimidade.



**Aline Martins** | Poeta, também escritora de contos e prosa, nasceu em Nova Friburgo, na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 1970. Em 1992, mudou-se para a cidade carioca, onde cursou a Faculdade de Direito e estabeleceu-se definitivamente.

### *a Nietzsche*

lágrima tem gosto de sal  
eu sei  
mas pode ter de sangue  
e de morte também

eles contam os meus dias  
pelos meus vales  
mas eu  
pelos meus montes

e lá de cima vejo os que me contam  
tão pequenos me contam  
tão sedentos me contam

e se atolam no lodo dos meus vales  
e se banham na água fedida dos meus vales  
mas não saem dali  
não querem ir

não sabem que já me elevei  
não podem me ver

### *caboclo bardo*

caboclo bardo  
de língua-foice  
e o sangue estancado correu  
pelo fio do riso  
um rio se fez à margem dos olhos, então

e me coagulou assim de pena  
numa travessia silenciosa  
que o teu mar viu passar  
viu o teu riso meu rio derramar  
e mesmo bardo  
caboclo não quis me salvar

### *calafeto*

esse buraco no teu olho pr'eu tapar  
mas minha estopa não dá

passa um vento frio  
soprador que secou o rio  
e nenhuma lágrima borda a face  
nenhum disfarce  
que triste

olho morto agora não me vaza mais  
vento que varreu o meu cais

### *comunhão*

madrugada fria  
sinos badalam o silêncio

minha capela tem as portas cerradas  
e dentro uma santa

quer pecar comigo  
quer sujar o altar  
vou comungar com ela

***natureza morta***

o seio nu  
exposto  
agora peça-mármore em tua sala  
não te saliva mais a boca  
não te lasciva mais os olhos  
e nem te desespera mais o cio

resta a palavra

| poemas do livro *Grão* (Macabéa Edições, 2019). |

**Fábio Pessanha** | Poeta, doutor em Teoria Literária e mestre em Poética, ambos pela UFRJ. Autor do livro *A hermenêutica do mar — Um estudo sobre a poética de Virgílio de Lemos* e coorganizador do livro *Poética e Diálogo: Caminhos de Pensamento*. Assina a coluna “palavra : alucinógeno” [\[link\]](#) na Revista Vício Velho, além de participar como ensaísta em outros livros e periódicos.

### *carnívoro*

quando os dentes se chocam uns com os outros,  
os ossos se acrescentam dum inventário  
de rachaduras. tal como raízes,  
suas rupturas vão fundo no  
destino das ruínas e se dão  
com os restos em suas imperfeições.

morde-se com força a própria  
boca, num exercício de  
procurar rastros. depois,  
afiam-se os incisivos,  
a fim de cravá-los em  
seu pedaço mais macio  
de carne. é forte o sabor  
ácido do sangue ao se  
ter tão íntimo a saliva  
derramada por diversas  
fomes ao longo do tempo.

por horas, a digestão  
soa como um carnaval  
onde todos estão sem  
máscaras... e os dentes à  
mostra naquela mordida  
sem refúgio e nem alívio...

quebra-se em partes iguais cada fêmur  
para que qualquer pedaço talhado  
caiba bem cuidadosamente dentro  
do sacrifício da saciedade.  
ninguém testemunha essa eficiência...

... e todos saem satisfeitos.

\* \* \*

distante como se abrisse  
uma janela durante  
as horas de frio. o vento  
na cara, a rua lá fora.

a sensação seca de uma  
paisagem no meio do  
peito — ausente —, desde que a  
noite se estendeu e se

deu por escurecer mais  
tarde... com isso, os invernos  
ganharam outro contorno.  
a lua cheia foi vista

do meio de uma varanda  
esquecida, com a certeza  
de que a noite se escondera  
numa estação sem retorno.

\* \* \*



desde que se faça tarde é deserto  
nervo incerto atacado pela fome

em forma de gente a ferocidade  
das palavras acoberta a nervura

verbal do espanto o corpo se consagra  
pela violência da secura da

espessura do poema largado  
ao excesso despovoado de

costelas carne pele sangue e dentes  
nada sobrou após seu abandono

\* \* \*

*para Daniele Negreiros  
(em resposta a um poema seu)*

como se cada passo fosse um céu  
repleto de noite. a lua brilhasse  
forte no passado enquanto o futuro  
jamais surgisse aos viajantes desse  
rito. não se pode mesmo olhar o  
devir. futuro é o que nos resta de  
assombro aos tempos diurnos do engano.  
enquanto minhas fadas tramam contra  
a velocidade das horas, lanço-me  
ao estômago dos deuses para, juntos,  
alcançarmos o latrocínio do  
sol. toda a verdade será contada  
aos meus descendentes e o que nos falta  
de vida para a vida será então  
o crível enredo ao nascimento dos  
meus dias. eternidade é o que me  
banha a boca desde cada palavra

tomada por destinos, mas existo.  
e insisto no tempo cobrindo minha  
cabeça, cobrando a sagrada bênção  
pelas manhãs aquecidas em minhas  
letras. minha alvorada é quando acordo  
no meu corpo quase eterno — poema.

\* \* \*

de dentro de uma tristeza  
sem nome ou tamanho que não  
corrói mas instala a vida  
sem cores ou cheiros o  
poema conforta como  
a ponte por onde não  
se anda e compõe o mais belo  
lugar perdido dos sonhos

aquele lugar que se  
busca desde antes de  
todas as dores que existe  
desde antes os olhos se  
fecharem todos em flores

**Penélope Martins** (Mogi das Cruzes, 1973) | Escritora, narradora de histórias e articuladora em projetos de fomento da palavra escrita e falada. Pós-graduada em Direitos Humanos pela PUC-Campinas, dedica-se à formação de novos leitores desde 2006, produzindo conteúdo para encontros presenciais e plataformas digitais. Colabora com a articulação de reflexões sobre a leitura com a Editora do Brasil e outras instituições. Participou de coletivos de mulheres com poesia autoral e faz a curadoria do projeto Mulheres que Leem Mulheres, com ações em diversas instituições culturais como o Sesc. Entre suas obras publicadas estão *Minha vida não é cor-de-rosa* (2018), 1º lugar na categoria Literatura Juvenil do Prêmio Literário da Biblioteca Nacional 2019, e *Que amores de sons!* (2018), ambos pela Editora do Brasil, *Poemas do jardim* (2013), Editora Cortez, *Quintalzinho* (2014), Editora Bolacha Maria, e *As aventuras de Pinóquio* (2018), Panda Books. Integrou a antologia *Sete*, de poetisas contemporâneas, organizada pela Editora Essencial, e é autora do livro de poesia *Que culpa é essa?* (2018), pela Editora Patuá.

### *notícias populares*

ela geme

ela grita

ela diz que vai morrer.

— eu morro.

joão tem um metro e oitenta e quatro, teresa não

passa de uma mulher de estatura pequena

contrário de maria, mulher longilínea feito

égua para antônio

ele puxa pelos seus cabelos, ela empina

— geme, grita, diz que vai morrer!

— eu morro.

pedro manipula os dias,

não dorme a noite conceição, os dedos

no gatilho, a senha bancária, a vizinhança que diz

— assim mesmo,  
homem é assim mesmo.  
ela geme, ela grita  
ela diz que vai morrer.  
— eu morro.  
lúcio perde a razão  
escandaliza na porta da seção  
o chefe acena na despedida  
— faz vergonha, rita  
vê se não geme, vê se não grita.  
morrer é melhor saída.

### *canção de origem*

eu pretendia fazer isso.  
eu tinha uma vaga ideia das coisas.  
fazíamos empréstimos nos bancos.  
talvez eu fosse dotada de algum otimismo.  
eu ia aos cafés atrás de um cigarro.  
eu perambulava as faixas dos discos.  
fazíamos reuniões nas livrarias.  
talvez eu fosse dotada de algum otimismo.  
eu usava aqueles sapatos.  
eu comia sem desconfiança.  
fazíamos de conta torpor e entusiasmo.  
talvez eu fosse dotada de algum otimismo.  
eu evitava olhar vitrines.  
eu tomava suco ao invés de álcool.  
fazíamos um debate equivocado.  
talvez eu fosse dotada de algum otimismo.  
adotaria algum otimismo. talvez.  
algum.

***os planos para a manhã de hoje***

os planos para a manhã de hoje  
enquanto se vê o noticiário  
a xícara de café na seringa que corre as ruas  
a torrada integral sem demarcação de terra  
a taça de iogurte para crianças mortas a bala  
os pedaços de fruta sobre mulheres violentadas  
a fatia de queijo derretida na apologia à tortura  
os planos para a manhã de hoje  
enquanto se vê o noticiário

| poemas do livro *Que culpa é essa?* (Editora Patuá, 2018). |

**Ricardo Escudeiro** (Santo André-SP, 1984) | É (ex) metalúrgico e (ex) professor. Autor dos livros de poemas *a implantação de um trauma e seu sucesso* (Editora Patuá e Editora Fractal, 2019), *rachar átomos e depois* (Editora Patuá, 2016) e *tempo espaço re tratos* (Editora Patuá, 2014). Atua como editor na Fractal e na Patuá. Idealizou e montou, em parceria com o artista Leonardo Mathias, o work in progress “A mecânica do livro no espaço”, dividido em três temporadas. Possui publicações em mídias digitais e impressas: Escamandro, Germina, Jornal RelevO, Revista 7faces, Mallarmagens, Flanzine (Portugal), Enfermaria 6 (Portugal), Tlön (Portugal), LiteraturaBR, Diversos Afins, Ruído Manifesto, Arribação, entre outras. Publicou mensalmente, entre 2014-2016, poemas na Revista Soletras, de Moçambique.

### *contra conjunto ou neon sobre fumaça*

o olhar mais se detém mesmo é quando falha  
noutras vistas as minhas  
descansadas param com essa coisa de

ultrapassa pelo acostamento  
vai

tatear os mundos pelas suas córneas e pelas suas cordas  
pois

dói na garganta o tanto seu nome nos pulmões  
e nos descansos  
e nos cenários  
e numa pedras com umas sílabas  
à tiracolo

ficar perguntando pra janela  
quando a gente nem tá mais no carro

já chegou já chegou

não não  
faltam ainda alguns aniversários

ver mais mesmo é quando longe

leio  
claro tipo  
um miopismo inexato

na fumaça do cigarro todas as esquivas tragadas  
o cotovelo na mesa a cabeça entre os tabacos  
como num balãozinho de hq daqueles de pensamento sabe  
uma interrogativa  
ou uma inlabial desleitura

faz quanto tempo desde a última  
vez que sua boca nunca

*poema tirado de uma notícia de portal*

“anti sementes”  
segundo Angharad, a esplêndida

e se é de degredo que arguimos  
falemos então aqui  
do degredo enquanto extermínio

por extensão  
afastamento  
voluntário ou compulsório de um contexto social  
a fúria que recai sobre certas estradas  
a fúria que recai sobre certos homens nessas estradas  
de forma quase drônica muito étnica muito específica

falemos  
da balística enquanto desplantio

sobre distância disseram perto o suficiente para queimar  
as bordas do buraco aberto na camisa  
cauterizar os panos  
do uniforme escolar  
desnecessário inserirmos aqui um por exemplo

falemos  
do projétil diagnosticado como perdido

esse atingiu a barriga e saiu pelas costas  
como a extensão  
formal  
e anti lírica  
de um braço colonial de um capitão desses de mato  
não desbravando e sim destruindo  
tudo o que no trajeto  
e não no caminho  
era o corpo preto  
de um menino  
quantas mais das vezes matado também e até antes  
nos comentários

### *cão das lágrimas*

mas por que esperar alguma cegueira  
para aprender  
pelas mãos um rosto

| poemas do livro *a implantação de um trauma e seu sucesso* (Editora Patuá e Editora Fractal, 2019). |





seus  
mortos  
vive  
sendo  
assombrado.

.  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .  
. .

Um povo que não enterra os seus mortos,  
vive?

| *elite miserável* |

Cidadão  
Cristão  
Brasil  
Servil

Herança rural  
Questão cultural  
Regime colonial  
Atraso industrial  
Casa senhorial  
Sociedade patriarcal  
Identidade nacional

Burocrata  
Escravocrata  
Primata

Política

## Paleolítica

Da servidão

Da escravidão

Da prisão

Dentre outras formas de opressão

Pobre é povo

Classe média é povo

Povo é povo

Teleguiado por uma elite miserável

### | *na casa de armas* |

— olá!

— eu quero uma arma, eu preciso de uma arma, eu quero uma arma!

— pra quê você quer uma arma?

— pra mataaar!

— pra matar o quê?

— uma arma de caça, pra caçar...

— pode ser mais específico? que tipo de caça?

— passarinhos e borboletas... brincadeira. ora, veados, raposas, ursos, lebres brancas...

— mas não temos estes bichos no Brasil...

— ...

— mas que tipo de arma você quer? um rifle?

— um rifle, pode ser um rifle, eu quero um rifle de caça.

— olha, temos este aqui...

— aahh, que lindo! bela arma...

— ...e também temos esta daqui (um pouco mais cara) alemã, uma similar, a vovozinha desta, foi usada durante a Segunda Guerra Mundial para matar judeus, homossexuais, ciganos, comunistas...

— agora eles vão ver uma coisa!

— eles quem, amigo?

— ora, veados, raposas, ursos, lebres brancas...

| poemas do livro *Poemas do Golpe* (Editora Patuá, 2019). |

**Manuella Bezerra de Melo** | Jornalista nascida em Pernambuco, foi repórter e especializou-se em Literatura Brasileira e Interculturalidade. É poeta, cronista de rede social e autora infanto-juvenil. Quando viveu nas Serras de Córdoba, na Argentina, publicou sua primeira obra, *Desanônima* (Editora Autografia, 2017). Já em Portugal, publicou *Existem Sonhos na Rua Amarela* (Editora Multifoco, 2018) e *Pés pequenos pra tanto corpo* (Editora Urutau, 2019) e participou da antologia *Pedaladas Poéticas* (Editora Aquarela Brasileira, 2017). Mora em Guimarães e dedica-se a um mestrado em Teoria da Literatura na Uminho.

### *mil marias*

Quando Maria nasceu  
a roda da vida parou  
miúda de tão pequena  
no parto convulsionou  
mas forte era Maria  
teimosa ela viveu  
pra perceber que seu  
plano de vida prevaleceu  
Maria não tinha nada  
de coisas nem de valor  
mas tinha no seu esteio  
sua família e amor  
Maria foi à escola  
disseram que ela podia  
pra que se enchesse de  
sonhos pensando que merecia  
Maria foi alvejada  
três tiros no meio da quadra  
Maria não era turista  
sofreu violência classista  
Corpo de menina acostado  
promovido pelo estado  
assassino genocida

de todo preto e favelado  
Maria nem se deu conta  
seu corpo mal sentiu dor  
mas a comunidade sabe  
que o preço da vida tem cor  
Maria não é estatística  
é uma menina emblema  
e em nome da sua memória  
Maria virou poema

| poema do livro *Desanônima* (Autografia, 2017). |

### *s/título*

Tereza olhou-me  
meteu medo até em xangô  
como um rio e seu poder  
adentrou em mim  
aventurou-se de mim  
Nos olhos lustrados de Tereza  
centelhas podem ferir  
seu flanco não é mais o mesmo  
não é mais do mesmo  
seu flanco é todo ele meu flanco  
meu flanco nunca será o mesmo  
depois de suar sob o teu  
Seu beijo vasto decretava  
a ascendência que salva  
o mundo da feiura  
pelo cabelo aproximei-me  
ajoelhei, pedi uma benção  
Tereza, isto é uma carta:  
— Quero beijar-te agora.  
Salva-me!

*s/título*

Envenenei o céu pra que você  
não visse morrer a segunda filha  
o socialismo é um programa  
é uma fenda no meu umbigo  
é uma pasta de grão de bico  
sob uma torrada com azeite  
cancelei o café diário  
que equivale ao suicídio sem extremismos  
quantos estômagos são necessários  
pra digerir a graxa que você passou?  
quantos fígados precisas  
pra filtrar todo álcool necessário  
de seguir viva?  
Perguntam-me como estou?  
efetivamente viva  
por vezes, nem tanto  
quase sempre  
esta parte, omito  
omissão é a caverna eficiente dos ineficientes  
não se compartilha maledicências  
dores amargores brotoejas  
feridas abertas são constrangedoras  
e já não há mais ninguém em condições  
tenha selfies sorridentes e esbeltas  
braços abertos, rei do mundo  
as minorias se adequam  
ou desaparecem  
antagonismos a parte  
o socialismo é um programa

**Matheus Guménin Barreto** (1992— ) | Poeta e tradutor mato-grossense. É autor dos livros de poemas *A máquina de carregar nada* (7Letras, 2017) e *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (Carlini & Caniato, 2018). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) na área de Língua e Literatura Alemãs — subárea tradução —, estudou também na Universidade de Heidelberg (Alemanha). Encontram-se textos seus no Brasil, na Espanha e em Portugal (Revista Cult, Escamandro, plaquete “Vozes, Versos”, Revista Escrava [PUC-RS], Opiniões [USP], Diário de Cuiabá; entre outros), e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

### *o que vale um poema*

O que vale um poema  
menos que uma greve menos  
que o operário menos  
do que um grito menos  
do que a fala menos  
do que um braço menos  
que um poema vale um poema bem menos  
mais vale um cão vivo  
e (quem sabe?) uma república.

### *s/título*

descobrir as palavras eu te amo

pesar na mão cada uma, medir  
sua massa numa mão  
n’outra  
articular a língua os lábios dentes como  
pela primeira vez  
um homem o fez  
um homem o fez a outro homem

testar o que abarca cada letra, o que deixa, o que fala  
testar cada som e sombra que acaso fique  
nas arestas do a, do e

descobrir as palavras eu te amo  
e a violência que é usá-las.

### *primeiro*

O toque mesmo nas coisas  
para lembrar as mãos da  
arquitetura limpa daquilo  
que o mundo gestou.

A mão limpa, cartesiana, reta  
pelas coisas  
para tirar o pó sobre os nomes

sol, xícara, casca, ladrilho, pêssego, miséria

e tocar outra vez  
como no Dia Primeiro  
algo dos nomes  
que vibre.

### *s/título*

Aquilo que me sou não me é nunca.  
Pensando o que serei no escasso espaço  
de mim, não sei se penso e sou aquilo  
ou se, pensando, passa o tempo e passo

— se passo e já não sou o que pensara,  
nem o que penso agora e que já passa.  
Não sei se algum momento embosco aquele  
que vejo ou se descubro-me sua caça.



*manhã*

**a —**

Notícias da manhã  
informam que o tempo, de  
fato, passou,  
e que a noite foi só uma  
de fato.

**b —**

O dorso arrebetado do sol,  
surge o dia.

**c —**

A manhã ruge  
nos dentes das árvores.

**Prisca Agustoni** | Poeta, tradutora e professora. Escreve e se auto traduz em português, italiano e francês. Suas obras mais recentes são: *Un ciel provisoire* (Genebra, Samizdat, 2015), finalista do Prêmio Lettres-Frontière; *animal extremo* (São Paulo, Patuá, 2017) e *Casa dos ossos* (Juiz de Fora, Macondo, 2017), semifinalista do Prêmio Oceanos. Tem no prelo duas coletâneas de poemas a sair na Itália em 2020. Este poema foi extraído do livro de poemas que está no prelo para início de 2020 com a Editora Quelônio, de São Paulo.

### *a fera, primeira parte*

Caronte é uma esfinge  
e é também camaleão,  
já andou na estrada  
de ferro e canhão,

cruzou o continente  
de leste a oeste  
nas trilhas de escombros  
e sapatos solitários

expulsou a máquina  
do mundo pra fora  
do caule da existência  
mais dilacerada

descalço avança  
com sua cadência  
e seu disfarce,

toca vagaroso a litania  
nas vértebras inflamadas  
de Vladimir e Dante,

cospe nas rimas,  
na espinha de sangue  
e concreto de Ossip  
Mandelstam

tripudia dos ossos  
da raiva do fogo  
nas ruas ele ri  
da cartilagem das horas

que despencam  
pela fuligem  
pelos gases  
lacrimogénios

seu riso é um escárnio  
feroz e lancinante  
como bala insuspeita  
adentrando na carne

seu palco é a derrocada  
do humano, do átomo  
no descampado  
da alegria deformada

amoral é este cão  
que agoniza na estrada,  
a pomba suja feita  
ratazana no verso  
de Donizete Galvão

indecente é o gozo  
diante da unha encravada,  
o nítido projeto  
de um país estrangulado

mas a ardência do grito  
preso no peito  
se espalha como mancha  
de petróleo no oceano

até um dia ser esse inchaço  
essa pústula infecciosa  
uma força represada

e da agonia dos gagos  
forjar enfim o novo dicionário  
que defina a fúria  
e a combustão  
de uma língua alucinada

**Natasha Tinet** (1988) | Escritora e ilustradora. Nasceu em Palmeira dos Índios, Alagoas e reside em Curitiba desde 2014. É integrante da grupa de escrita Membrana e coedita a *Totem & Pagu firma de poesia* com a poeta Julia Raiz. *Veludo Violento* é seu livro de estreia e conquistou o 2º lugar no Prêmio Fundação Biblioteca Nacional 2019 na categoria Poesia.

### *mice follies*

nunca tive um olho mágico que funcionasse  
atrás da porta, há sempre um aquário opaco  
com peixes que não sabem que respiram  
eu toco o relevo das minhas guelras  
e abro todas as torneiras da casa  
os pés envelhecidos se abrem em cortes de pele morta  
deslizam no rинque de gelo da cozinha  
já assistimos a esse desenho  
torcíamos pelo rato, crescemos  
somos o gato achatado contra a parede  
preciso fazer um telefonema que não quero  
me desculpe esse domingo no peito  
eu não esperava escrever agora  
mas, na esquina, uma cega disputa trocados  
com um saxofonista, conheço esse jazz  
você sabe, deus é um sádico  
o diabo só tem uma grande autoestima.

\* \* \*

*você, outra*

*ou*

**Daniele Cristyne**

você, outra  
porcelana fria que se quebra  
ao vento, trevo de três folhas

nascida indesejada  
raiz frouxa sobre a terra.

Você, outra  
encharpe dada por mamãe  
delicada trama de rayon  
tecida ppor máquinas nostálgicas  
da era das orquestras no cinema mudo.

you, outra  
que se entende pedra  
compreende o adeus das folhas  
que não morreram, mas vão indo  
fazendo cócegas nas rótulas pontudas das poetas.

\* \* \*

Não tem geometria que explique  
o gosto das cinco horas da manhã  
a tragédia das amoras  
a geologia de uma íris  
a fúria dos grânulos de areia  
contra os teus pés.

\* \* \*

*Evelyn McHale* não podia se casar  
tinha tendências iguais às da mãe  
não se pode fugir de uma herança  
nem que se jogue do octogésimo  
sexto andar do empire state  
373 metros entre seus pés acetinados  
e o choque de altitude que paralisou  
fulminou seu coração antes do impacto metálico  
contra um carro estacionado

ofélia afogada no lago negro do desespero  
de punhos fechados em luvas e segredos  
não há prêmio quando se quer morrer  
evaporar adormecida em uma nuvem púrpura  
diante dos transeuntes envenenados de cotidiano  
um clique registra o “suicídio mais belo da história”  
ninfa que repousa em lençóis turbulentos  
senhoras, senhores, guardem seus narcisos  
antes que apodreçam pela falta de lucidez  
Evelyn McHale esposou a morte, mas  
não há graciosidade nesse matrimônio  
em seu corpo inerte, profundo e apático  
na boca exonerada de esperança, quieta  
mesmo quando viva, sufocada numa estufa  
com a garganta pulsando o último passo  
para o esquecimento.

| todos os poemas foram extraídos do *Veludo Violento*, com exceção de “Você,  
outra” que é inédito. |

**Carlos Barbosa** | Nasceu no sertão do São Francisco, interior da Bahia (1958), e vive hoje em Salvador. Graduado em Jornalismo e Direito, tem romances, livros de contos, de minicontos e de poemas publicados desde 1998. Tem participado de antologias e coletâneas de contos. Mantém um blog, [Minicontos](#), no qual publica textos inéditos e comentários sobre livros cuja leitura recomenda. Segue em dúvidas e dívidas, longe de divididas, em cultivo de amizades.

### *queda*

ainda caminho de lado,  
com as mãos na parede  
para não cair,  
como fazia na primeira infância,  
já corroída na memória

caminho de lado  
para não cair  
definitivamente em mim

### *a porta no chão*

*a John Irving*

há duas portas em meus olhos,  
do tipo corta-fogo  
há uma dura mão-de-pilão  
em meu coração

minhas mãos,  
toda manhã,  
colhem o orvalho que cobre meu peito

há sempre uma porta no chão,  
meu eterno tropeço



### *o menino e eu*

tenho dor, obrigações e conta bancária

o menino tem fantasia  
e histórias pra contar

por isso me consumo em fortalecê-lo:  
quando eu partir, ele prosseguirá

### *o poste de ferro*

o poste de ferro cantava,  
quando nele a gente batia,  
toda vez que passava  
no caminho da escola

o poste de ferro era  
um violão sem cordas

meio-dia,  
o poste ainda cantava  
uma canção aflita,  
de órfão desnudo,  
no areão fincado

desligado do mundo,  
o poste de ferro aguardava pelo toque,  
todo dia,  
para lembrar o tempo  
em que bem servia ao telégrafo

o tempo em que vingava  
seu bom ferro,  
em que não cantava aflito,

cravado no areão,  
mas sustentava, sim,  
o doce milagre  
de sinais e vozes viajantes  
e bandos de andorinhas  
num sempiterno verão

### *borboletas baianas*

tomo conhecimento das borboletas baianas,  
não das que vejo nos jardins,  
mas daquelas que voejam em casamentos

nossas borboletas fazem sucesso  
em casórios Brasil afora  
viajam de avião,  
em caixinhas com furos para ventilação

as borboletas são exigência de noivos românticos:  
querem com elas embelezar  
suas histórias de amor

mas são caras nossas borboletas,  
muito caras  
precisam ser contadas  
para o devido pagamento  
e para tanto,  
colocam as caixas por um tempinho em geladeiras:  
é que assim as borboletas desmaiam  
e é possível então fazer a contagem

por fim, as caixas são levadas ao pé do altar  
e lá aguardam pelo grande momento,  
as sobreviventes

após o beijo do novo casal,  
as borboletas são soltas  
mas estão fragilizadas, tontas, combalidas

então o pessoal dá o último toque ao show:  
batem nas caixas para espantar as borboletas  
que se projetam no ar  
em arquejo final de vida,  
para morrer em seguida em pleno voo

ou onde quer que pousem,  
depois de obterem o aplauso da plateia  
e ares de extremo contentamento  
dos nubentes,  
aquele batalhão de borboletas baianas

borboletas que viajaram de avião  
e desmaiaram no gelo  
em suas curtas vidas de tortura e horror  
para beleza e glória do amor

| poemas que integram *Inventário da triste figura*, livro inédito. |

**Neide Almeida** | Escritora, poeta, produtora cultural  
pela Fio.de.Contas Produções.

### *kalunga, auê*

Em nossos mares  
ainda são muitos os navios malditos  
imensos, sufocantes porões  
odor de maresia e sangue  
ainda inundam as memórias de nossa gente.  
Essas águas não nos embalam  
arrancam a vida de nossas entranhas  
devoram nossos filhos  
enlouquecem as mães de nossas crianças.

O fundo dos oceanos  
está coberto de disformes pedras de sal  
tíbias, mãos, crânios  
fósseis curados por lágrimas,  
vertidas das vísceras de nossos ancestrres  
que desde sempre permanecem  
invocando as mãos de Xangô.  
Encosta o ouvido na concha,  
escuta o grito!

A areia das nossas praias  
está repleta de banzo  
corpos de nossa gente  
estirados sob o sol  
continuam sendo devorados.  
Bandos de aves de rapina  
roubam dos nossos  
o pulso, as vértebras, o vigor.  
Sente na pele o eco dessas dores!

As ondas dos mares que somos  
estão sempre tão cheias  
prenhes, reverberam indignação.  
Arregalamos os olhos e nos lançamos nas águas mais turbulentas  
nossas meninas, os meninos nossos  
sendo surrados nos recifes  
jogados em alto mar como redes de pesca  
arrastados, esvaziados  
extenuados,  
ainda assim nos cabe  
converter essas águas  
Kalunga, auê  
Kalunga, auê  
kalunga, auê

**Ruy Espinheira Filho** | Baiano de Salvador. Poeta, cronista, contista, romancista, recebeu algumas das principais premiações literárias do país, como o Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa (1981), o Prêmio Ribeiro Couto de Poesia (1998), o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2006) e o Prêmio Jabuti de Poesia (2º lugar, 2006), entre outros. Aposentou-se como professor de Literatura Brasileira no Instituto de Letras de UFBA em 2010.

### *alguns poemas de amor*

#### **EPIFANIA**

Alguns anos não consigo  
deixar nas águas do Lete:  
os teus catorze morenos  
e os meus magros dezessete.  
Muitas coisas se afogaram,  
e rostos, e pensamentos,  
e sonhos, e até paixões  
que eram imortais...

Porém,  
os meus magros dezessete  
e os teus catorze morenos  
não entram nem em reflexo  
nesse Rio do Esquecimento.

Que magia nos levou  
a um espaço e a um momento  
para que de nós soubéssemos:  
tu, meus magros dezessete;  
eu, teus catorze morenos?  
Que astúcia do Imponderável  
nos abriu aqueles dias  
que permanecem tão claros  
como quando nos surgiram?

Eu não sei. Mas sei que a vida  
nunca mais me foi vazia.

Como não foi fácil, nunca,  
por tanto me visitarem  
os Arcanjos da Agonia.  
Pois, se fui iluminado  
por estarmos lado a lado  
— os teus catorze morenos  
e os meus magros dezessete —,  
seria fatal que também  
viesse a sentir a alma  
em chagas multiplicadas  
por setenta vezes sete.

Ah, os teus catorze morenos  
e os meus magros dezessete!...  
Quanto sofrimento fundo  
— mas quanto sonho profundo  
e alto!

                    Que belo mundo  
foi-me então descortinado,  
porquanto me era dado  
o privilégio preclaro  
de penar de amor no claro,  
no escuro, em todas as cores,  
em todos os tons da vida,  
dia e noite, noite e dia,  
varrido ao vento das asas  
dos Arcanjos da Agonia  
(que eram, por algum prodígio,  
os mesmos da Alegria!...).

Ah, que por mim chorem flautas,  
pianos, violoncelos,  
as cachoeiras, os céus  
comovidos dos invernos...

Chorem, chorem, que mereço  
essas lágrimas, porque  
tudo sofri no mais pleno  
de paraísos e infernos.  
Que chorem...

Mas eu, eu mesmo,  
não choro... Como chorar,  
se mereci essa dádiva  
de um amor doer na vida  
por setenta vezes sete  
mais que qualquer outra dor,  
mais que qualquer outro amor?  
Só me cabe agradecer,  
pois a vida perderia  
(e, o que ainda é mais cruel,  
sem nem saber que a perdia...)  
se não provasse os enredos,  
insônias, febres, venenos  
que em meus magros dezessete  
acendeu a epifania  
dos teus catorze morenos!

## **SONETO DA NEGRA**

*a Maria da Paixão*

A cor da suavidade é que a modula.  
Nela se abisma a luz e se revela  
incapaz de alterar nada daquela  
penumbra que a atrai, absorve, anula.

Nessa paisagem que coleia, ondula  
como um rio, ou o mar (e é dela e ela),  
um vento violento me desvela  
um animal que me trucida e ulula.



O tom da suavidade não se altera,  
eleva um canto cálido e me diz  
que são garras de amor, e é bela a fera.

E assim, em carne rubra e cicatriz,  
entrego à cor profunda que me espera  
estes despojos em que sou feliz.

## **VOO CEGO**

Um pássaro te procura  
na cidade adormecida.  
Vai em voo cego: seus olhos  
só verão quando te virem.

E onde te ver? Não sabe.  
Só conhece o procurar,  
indiferente às ressacas  
do vento e ao seu cessar.

Pássaro, a noite já finda  
e continuas trevado  
pela flama que não viste  
nos olhos da procurada!

Eis que retorna como em  
outras tantas madrugadas,  
trazendo nada da busca  
em suas asas exaustas.

Frágil perfil, contra a aurora,  
de um cinzento voo desfeito,  
ele se transforma em vácuo  
e se recolhe ao meu peito.

## **SONETO DO ANJO DE MAIO**

Então, em maio, um Anjo incendiou-me.  
Em seu olhar azul havia um dia  
claro como os da infância. E a alegria  
entrou em mim e em sua luz tomou-me

o coração. Depois, suave, guiou-me  
para mim mesmo, para o que morria,  
em meu peito, de olvido. E a noite, fria,  
fez-se cálida – e a mágoa desertou-me.

Já não eram as cinzas sobre o Nada,  
mas rios, e ventos, e árvores, e flamas,  
e montes, e horizontes sem ter fim!

Era a vida de volta, resgatada,  
e nova, e para sempre, pelas chamas  
desse Anjo de maio que arde em mim!

## **CAMPO DE EROS**

Amor: esta palavra acende uma  
lua no peito, e tudo mais se esfuma.

E testemunho: eis que Amor deixou  
ferida cada coisa que tocou.

E tudo dele fala: a mesa, a cama  
(como abrasa este hálito de chama!),

o bar, cadeiras, livros e paredes  
vivem, revivem: de fomes e sedes

a corpos saciados. Tudo fala,  
tudo conta. Só a boca é que se cala.

Amor. Do extinto pássaro, o voo  
prosegue, inexorável. Mas perdoo,

eu, essa lâmina que me escalavra,  
revolve em mim, em sua funda lavra,

amor, restos de amor, gestos quebrados,  
enganos, mais amor, olhos magoados,

e fúria, e canto, e riso, e dança, e dor.  
E a Quimera. E amor, amor, amor

por toda parte trucidado e em flor.

**Alberto Lins Caldas** | Publicou os livros de contos *Babel* (Revan, Rio de Janeiro, 2001), *Wyk* (Bagaço, Recife, 2007), *Gorgonas* (Companhia Editora de Pernambuco, Recife, 2008); os romances *senhor krauze* (Revan, Rio de Janeiro, 2009), *Veneza* (Penalux, Guaratinguetá, 2016) e *a grande morte do conselheiro esterházy* (Penalux, Guaratinguetá, 2018), *as trinta metamorfoses de on foya* (JusttFiction, Riga-Estônia, 2018). Os livros de poemas *No Interior da Serpente* (Pindorama, Recife, 1987), *Minos* (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2011) e *De Corpo Presente* (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2013), *4x3 — Trólogo in Traduções* (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2014) com Tavinho Paes e João José de Melo Franco, *a perversa migração das baleias azuis* (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2015), *a pequena metafísica dos babuínos de gibraltar* (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2016), *minha pessoa sob o domínio dos bárbaros* (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2018), *tântalo* (Flan deTal, Vila do Conde-Portugal, 2019). Blog: <http://poemasalbertolinscaldas.blogspot.com/>

### *o fogo o fogo*

- [o fogo o fogo — a agonia do fogo — seu tumor — ●
- a fumaça — o fogo o fogo — fogo dentro e fora — ●
- antes e sempre — devora cidades — florestas ●
- universos — fogo — a loucura fiel do fogo — o fogo ●
- o fogo — a fumaça — respirar fumaça — respirar ●
- o fogo o fogo — a carne dura do fogo — o fogo ●
- o fogo — a fome — a gula — do fogo o fogo o fogo] ●
  
- inexistente o tempo o fluxo amolece as carnes ●
- como doem as juntas — caem cabelos brancos ●
- como merda de pombos nos bancos das praças — ●
- a vida não brinca — a vida não ri — a vida é foda — ●
- trilhos entre rochas q se esmigalham — o corpo — ●
- trilhos q se enferrujam — mergulham na terra — ●
- nem os largos dias de prazer e alegria — a dor ●

- desabados como bonecos de palha no campo — ●
- cheios de baratas vermes ratos carrapatos — ●
- desejos mortos do sol ocultos na escuridão — ●
- olhando paredes sonhando o grande nada — ●
- não vimos q a beleza é só isca fraca e fútil — ●
- quando abrimos os olhos é hora morrer e só — ●
- resta se dissolver — deixar de ser — nonata e não ●

- nem minha morte — toda morte — morte gelada ●
- do escorpião — jamais existente o tempo beija ●
- meus olhos — a boca — as mãos — o caralho — ●
- a ponta dos peitos — os joelhos — pés e dedos ●
- dos pés o vazio — o vazio como esperma seco — ●
- depois depois nem isso — jamais jamais — não — ●
- sem deus sem anjos sem paraíso ou inferno ●

- nada juntara pedaços — as cinzas — o pó o pó — ●
- tudo só espalhara mais e mais e nem o nada — ●
- nem o aroma de flores mortas no outono — não — ●
- nem a lama de neve das ruas em ruínas — não — ●
- jamais a primavera — as chuvas — o vento — não — ●
- nem o perfume morno das vulvas vibrando — ●
- nem a desarmonia infinita do desejo — nada ●

- [o fogo o fogo — a agonia do fogo — seu tumor — ●
- o fogo o fogo — a carne dura do fogo o fogo ●
- o fogo — a fome — a gula do fogo o fogo o fogo ●
- antes e sempre — devora cidades — universos — ●
- o fogo — a fumaça — respirar fumaça — respirar ●
- o fogo — o fogo o fogo — dentro — dentro e fora ●
- o fogo o fogo — a loucura fiel do fogo — o fogo] ●

resenha

0

**Leonardo Valente** | É escritor, jornalista, cientista político, e diretor do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da UFRJ. É autor do romance *O beijo da Pombagira* (2019), finalista do Prêmio Rio de Literatura, da antologia *Apoteose* (2018), finalista do Prêmio Sesc de Literatura, e do romance *Charlotte Tábuá Rasa* (2016). É um dos autores da primeira edição impressa da revista gueto, com o conto “criogenia do inconsciente ou manifesto pelos prazeres perdidos”, além de ter participado de outras antologias e coletâneas. Participou da Primavera Literária Brasileira, na França em 2019, e é um dos autores convidados para a edição 2020.

### *romance Essa gente, de Chico Buarque*

Muitos gigantes vivem em um Chico Buarque, mas dois que sempre se destacaram de forma especial, ainda que em caminhos e estilos distintos, o compositor e o escritor, em *Essa gente* (Companhia das Letras, 2019), o mais recente e em minha opinião seu melhor romance, são convertidos em um só. Trata-se da obra do romancista que mais se aproxima do compositor.

Aproximação na temática, onde a crítica sofisticada e ao mesmo tempo incisiva ao fascismo e ao elitismo colonialista de nossos dias remete ao

Chico que se levantou contra a Ditadura Militar; aproximação no estilo narrativo, não raro sonoro e melodioso como suas músicas. *Essa gente* é um romance ao mesmo tempo simples e multifacetado, e sua história principal pode ser comparada a um rio carioca e caudaloso que desemboca no oceano profundo da formação social brasileira, e nas contradições, superficialidades e hipocrisias sui generis de suas elites.



Os pequenos capítulos seguem tendência da prosa literária contemporânea, especialmente a urbana, e a construção deles como um diário, o que permite com certa facilidade idas e vindas na história, concede dinâmica e facilidade de leitura a um texto denso, musical e ao mesmo tempo áspero, de vocabulário notoriamente bem calculado e repleto de camadas interpretativas. O resultado é um livro que pode agradar a leitores com diferentes níveis de exigência e de expectativa (alguma semelhança com as músicas do outro Chico gigante?), assim como provocar diferentes reações.

Duarte é o escritor decadente protagonista, sem dinheiro, mas sem perder a pose, destruído afetivamente, e que poderia se encaixar tanto em um livro de literatura policial quanto em um estudo de caso antropológico sobre nossa Casa Grande contemporânea. O Leblon é bairro nobre carioca protagonista e igualmente decadente, que no retrato de Chico consegue resumir em si todas as mazelas e tristezas de uma elite responsável pelos erros do passado e pelas mazelas distópicas do agora brasileiro. Duarte é o que Chico poderia ter sido, é o que muitos Chicos provavelmente viraram, seres indiferentes emocionalmente e ignorantes intelectualmente em relação ao país que despenca sobre suas próprias cabeças. Personagem que parece o avesso de seu criador, mas o avesso, apesar de ser o oposto, é muito mais próximo do que distante, pois está colado do outro lado. Duarte tem muito de Chico e é ao mesmo tempo tudo o que ele nunca foi. Já o Leblon é o que o Brasil queria ter sido, e *Essa gente* também mostra o quanto os desfavorecidos se deformam em valores e compromissos ao desejarem tornarem-se iguais aos que lá vivem; *Essa gente*, por mais que doa constatar, é formada tanto pelas dondocas e garanhões do bairro, quanto pelos passeadores de cães e moradores de comunidades que por ali circulam. Nossa elite é prodigiosa em converter Chicos potenciais em Duartes reais, e o Leblon em fazer com que os pobres aspirem uma sociedade ainda pior do que a que já temos.

Não se trata, contudo, de um romance político no sentido estrito do termo, nem de um romance histórico, apesar da enorme contribuição para o entendimento sobre o tempo presente. Assim como suas músicas que tocam nas feridas da Ditadura Militar, *Essa*



*gente* é muito mais do que um texto crítico sobre nosso momento político, é antes de tudo, e principalmente, uma história sobre as relações humanas.

Ter o Rio e suas mazelas como cenário principal de uma obra com essa proposta também é extremamente significativo, traz de volta uma de suas características mais peculiares e há algum tempo perdida: a de se tentar compreender o país por meio de suas veias e de sua gente. Joga ainda a cidade — que por vários motivos andava meio distante da cena literária relevante do Brasil de hoje — no olho do furacão da produção ficcional e, conseqüentemente, no centro das atenções. Chico e seu novo romance têm força suficiente para produzirem esse movimento, ainda que por um tempo.

*Essa gente* é a primeira obra ficcional publicada, de peso e notoriedade, a se passar no desgoverno de Jair Bolsonaro e a retratar as relações sociais e afetivas nesses tempos sombrios. Bom que tenha vindo de Chico o primeiro romance com essa característica, e justamente o seu melhor livro. Sinal de que, assim como suas músicas, a obra extravasará sua função primeira e se tornará um grande instrumento na disputa futura pela narrativa e pelos afetos, tão fundamental para que essa gente não volte a fazer o que hoje faz com o Brasil.



## **selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo